

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: EXPLORANDO AS DIMENSÕES DA ORALIDADE E
ESCRITA**

Belo Horizonte

2019

Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: EXPLORANDO AS DIMENSÕES DA ORALIDADE E
ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Belo Horizonte

2019

O48m

Oliveira, Célia Marina Fernandes Pinto, 1967-

A música na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] : explorando as dimensões da oralidade e escrita / Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira. - Belo Horizonte, 2019.

60 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

1. Educação musical. 2. Música – Instrução e estudo. 3. Oralidade e escrita. 4. Educação de crianças.

I. Título. II. Carvalho, Gilcinei Teodoro. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 780.7

Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira

**A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS: EXPLORANDO AS
DIMENSÕES DA ORALIDADE E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Aprovado em 7 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho Faculdade de Educação da UFMG

Viviane Maria Quintiliano Vianna – Prefeitura de Belo Horizonte



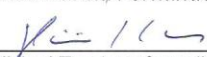
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

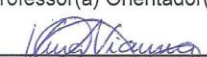
ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO SEXAGÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

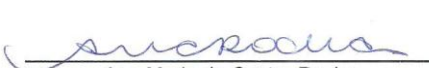
Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “A música na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental: explorando as dimensões da oralidade e escrita”, do(a) aluno(a) **Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Gilcinei Teodoro Carvalho (orientador) e Viviane Maria Quintiliano Vianna. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 85, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) 
Célia Marina Fernandes Pinto Oliveira

Registro na UFMG: 2018749794


Gilcinei Teodoro Carvalho
Professor(a) Orientador(a)


Viviane Maria Quintiliano Vianna
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)


Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Em memória de meus pais:
José de Souza Pinto e Maria
Fernandes Leite Pinto

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sustentar-me quando o desânimo abateu sobre mim.

Aos meus filhos, esposo e netos que apoiaram minhas escolhas.

Aos meus irmãos que estiveram na retaguarda nos momentos mais difíceis de sofrimento e tristeza.

Sem vocês não teria sido possível.

Os homens não têm mais tempo de conhecer nada. Compram coisas feitas nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. [...] Eis o meu segredo. É muito simples não se vê bem a não ser com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

(Saint-Exupéry 2015 p. 69 e72)

RESUMO

Os sons estão presentes na vida muito antes do nascimento. Ainda no útero, a criança ouve o som do coração da mãe batendo e esta batida tem o poder de acalmá-la ou mesmo agita-la. Sob o ritmo do coração, a criança tem acesso aos primeiros sons do mundo. Considerada como linguagem, a música pode ser aprendida e, portanto, a infância é uma fase em que o aprendizado dessa linguagem torna-se mais importante, pois possibilita o desenvolvimento de outras tantas linguagens. O objetivo deste trabalho foi o de identificar como as músicas do DVD “A Galinha Pintadinha” e outras músicas do repertório infantil, feitas para as crianças ou não, contribuem para a ampliação do vocabulário infantil, bem como colaboram para a aquisição da escrita, no processo de alfabetização e letramento de crianças da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, como metodologia, optou-se pela aplicação de um Plano de Ação, por meio do qual foi possível verificar como a música produziu efeitos capazes de sensibilizar as crianças pelo fato de estarem presentes em seu universo desde a mais tenra idade. Sob a luz da Constituição/88, da LDBEN 9394/96, dos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil RCNE (1998), das Proposições Curriculares para a Educação infantil de Belo Horizonte (2015), da Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2019), e de teóricos como Penna (2014), Brito (2003), Lopardo (2018), Correa (2016), Soares (2003), Lima (2002), Vygotsky (1998) e Frade (2005) efetivou-se uma pesquisa qualitativa, caracterizada como pesquisa-ação, já que há uma reflexão sobre a própria prática da presente pesquisadora, professora da Rede Municipal de Belo Horizonte. Entre os resultados está a percepção de que educar pela sensibilidade abre novas perspectivas e despertam um olhar diferenciado para as possibilidades oferecidas pela linguagem artística e musical.

Palavras-chave: Música; Sensibilidade; Oralidade e Escrita; Educação Infantil.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 QUESTÕES DE MÉTODO: UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.....	11
3 O SOM DO CORAÇÃO: A PRIMEIRA MÚSICA.....	15
3.1 A música no contexto escolar	17
3.2 A música na legislação.....	19
4 A MÚSICA EM UMA ABORDAGEM FOLCLÓRICA	26
4.1 As letras das músicas como objeto de alfabetização: desafios da prática docente	27
4.2 Elaborando o projeto: os diferentes sons.....	33
5 APROXIMANDO FAMÍLIAS COM A MÚSICA	39
5.1 Bandinha: do barulho ao encontro da música	44
5.2 Diversidade: apresentando os resultados.....	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
ANEXO	58

1 INTRODUÇÃO

A criança já está inserida em um mundo de sons mesmo antes de seu nascimento e, no seio familiar, é embalada por cantigas de ninar e outros sons que farão dela um ser cultural que produzirá os sons onde quer que vá. Muitas músicas utilizadas pelos pais para ninarem seus filhos fazem parte do domínio popular, sendo que algumas dessas músicas fazem parte do repertório do DVD/CD “A Galinha Pintadinha”, que inclui outras músicas que, embora não tenham sido compostas para crianças, são apresentadas para as crianças dentro e fora da escola. Essas músicas e a sua forma de apropriação no contexto da Educação Infantil são o foco desta pesquisa.

Por meio deste trabalho, busquei identificar em quais pontos essas músicas contribuíam para a ampliação do vocabulário infantil, bem como a linguagem escrita. Busquei, também, compreender como essas músicas chegavam até as crianças, especialmente as crianças da Turma do Jacaré da EMEI Professor José Braz, tendo em vista que, para se chegar à música da “Galinha Pintadinha” e outras do universo infantil, os pais, muitas vezes, recorrem à internet, tornando esses produtos culturais acessíveis às crianças.

Atualmente, é possível observar que as crianças que frequentam a EMEI Professor José Braz conhecem grande parte do repertório da “Galinha Pintadinha”, e muitas dessas canções são cantadas pelas famílias para ninarem ou entreterem as crianças em momentos de choro.

Por serem músicas do repertório popular, suas letras são facilmente compreendidas pelas crianças e os pais, ao cantarem para e com seus filhos, estão fazendo um trabalho de resgate cultural, pois são canções que atravessaram gerações e que possivelmente continuarão a se reproduzir graças à transmissão familiar e aos diversos momentos vivenciados entre os muros da escola.

O interesse por esse tema surgiu a partir de minha vivência como professora da Educação Infantil e, principalmente, após 2016, quando, ao receber uma turma de 20 alunos, na faixa etária de 3 a 4 anos, observei como todos conheciam as músicas desse DVD, especialmente as músicas “A Galinha Pintadinha”, “Meu Pintinho Amarelinho” e “Borboletinha”, bastando apenas começar a cantar para que todos entrassem no ritmo. Percebi, também, que, através da música, a criança desenvolvia a linguagem oral e ampliava seu vocabulário.

A música é, certamente, uma manifestação artística e cultural que está presente em todas as culturas por todo o mundo, utilizada para manifestar alegria e tristeza, para comemorar e celebrar. Para Lima (2002,p.17):

A música é uma linguagem de comunicação humana muito significativa pelo envolvimento que provoca e pelo seu caráter de contágio (...). Parte integrante da evolução da humanidade, a música significa, para a infância, a possibilidade de desenvolver a oralidade, de orientar o movimento, organizando-o e imprimindo-lhe um ritmo.

No entanto, embora a música tenha essas características universais, ela ainda não tem o destaque merecido, sendo utilizada mais para introduzir algo que achamos importante, no ritual escolar, como lanche, lavar as mãos, andar em fila, iniciar a contagem etc. Não que isto não seja importante, mas a música, por ser uma linguagem oral, pode ser explorada de outras maneiras a fim de que as crianças, além do desenvolvimento dessa linguagem, desenvolva também a linguagem escrita e, para tanto, a exploração das músicas do repertório popular “A Galinha Pintadinha”, e outras como as do compositor Vinicius de Moraes, podem facilitar a exploração das linguagens oral e escrita.

Abordarei neste trabalho a música em seu caráter lúdico, como instrumento do jogo do faz-de-conta elucidado por Vygotsky (2007, p.108), no qual a criança busca a solução para seus conflitos internos e a compreensão do mundo que a cerca. Por meio do faz-de-conta, a criança pode imaginar e dar novos significados a tudo que está a sua volta. Com a música, pode haver a mesma sintonia, pois a música é importante para o desenvolvimento infantil.

A música, na Educação Infantil, pode oportunizar às crianças o desenvolvimento psicomotor de dedos, mãos, braços e pernas, conhecimento e domínio do próprio corpo, além, evidentemente, de promover a aquisição de uma sensibilidade para o ritmo.

Portanto, o que este trabalho pretende é demonstrar que a música na Educação Infantil possibilita o desenvolvimento de múltiplas linguagens.

Estudos de Strapazzon (2013) dizem que a musicalização na Educação Infantil facilita, na criança, o desenvolvimento dos campos físico, mental, cognitivo e emocional. Assim sendo, acredito que a apropriação da escrita com o auxílio da música poderá ser uma habilidade a ser desenvolvida com músicas de tradição oral resgatadas pelo CD “A Galinha Pintadinha” e outras como as do CD “A arca de Noé”, de Vinicius de Moraes.

Vale ressaltar que o trabalho com músicas na Educação infantil está previsto no Referencial Curricular Nacional para a Educação e Infantil (MEC 1998) corroborando para o desenvolvimento de aspectos sociais. Além disso, a música encontra-se presente como uma das linguagens a serem desenvolvidas pelas professoras da Educação Infantil da Rede Municipal da Prefeitura de Belo Horizonte, conforme indicado nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil (2009, 2015).

É, pois, a partir dessas reflexões que apresento meu trabalho, no qual abordarei na seção “Questões de método: um diálogo entre a teoria e a prática”, a metodologia de pesquisa-ação, na qual abordo os teóricos que referendam o valor da pesquisa-ação para o trabalho do pesquisador-autor que deve se posicionar a fim de que possa refletir sobre sua prática, reavaliar sua atuação e modificar os percursos continuamente.

Na seção 1. “O som do coração: a primeira música”. Busco o diálogo com a música, um fazer artístico que diferencia os seres humanos dos animais. Abordo os sons que envolvem a criança, mesmo antes de seu nascimento. Nas subseções 1.1 e 1.2, teço um diálogo entre a música no contexto escolar e a legislação. Norteadas pelos teóricos como Penna 2014, Lima 2002, Castanho 2019, Correa 2016, Lopardo 2018, Brito 2013, estabeleço um diálogo com documentos oficiais, como a Constituição Federal 1988, LDB 9394/96, MEC 2018 e SMED (2009, 2010, 2014)

Em conformidade com a legislação vigente, na seção 2 “Uma abordagem folclórica”, é elaborada uma discussão entre as tradições folclóricas e as letras das músicas culturais como objeto didático para fins de alfabetização. Músicas que possuem letras simples e de fácil assimilação com as quais se torna possível a ampliação do universo cultural infantil, que também favorecem o uso do corpo, através de gestos que auxiliam o desenvolvimento da lateralidade, a coordenação motora e a memória.

Na seção 3, “Aproximando famílias”, será apresentada a metodologia utilizada por mim a fim de agregar ao projeto o valor cultural presente em cada família, bem como estabelecer um laço de cordialidade entre professora e família. Nas subseções 1.1 e 1.2, a análise será sobre o retorno obtido com o projeto “sacola musical”, que previa uma relação produtiva entre o contexto escolar e o contexto familiar.

Por fim na seção 4, retomo as reflexões sobre a importância do diálogo entre teoria e prática, apresentando os resultados obtidos desde a elaboração do plano de ação à aplicação do projeto com a Turma do Jacaré na EMEI Professor José Braz, situada na região do Barreiro em Belo Horizonte.

2 QUESTÕES DE MÉTODO: UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

O presente trabalho apresentou como metodologia inicial a revisão bibliográfica sobre a importância da música na Educação Infantil, bem como a possível utilização das músicas do CD “A Galinha Pintadinha” e músicas de tradição popular, avaliando se poderiam ou não contribuir no processo de alfabetização e letramento de crianças de cinco a seis anos na Educação Infantil.

Além da revisão bibliográfica, pretendeu-se realizar entrevista com os pais visando identificar como essas músicas são introduzidas no universo infantil e qual a participação dos pais na sua inserção nessa etapa da infância. Ao final do estudo, pretende-se analisar se estas músicas influenciam ou não no processo de alfabetização das crianças. Para a pesquisa junto aos pais foi organizado um questionário através do qual os responsáveis respondiam as perguntas sobre a presença da música no universo infantil. As perguntas com questões fechadas e abertas tiveram como objetivo identificar o tipo de música ouvida pelas crianças e como estas músicas são inseridas no cotidiano infantil. No entanto, devido às eventualidades cotidianas, a pesquisa junto aos responsáveis foi suprimida do projeto e criado outro método de pesquisa indireta. Para tanto, se elaborou um projeto complementar ao desenvolvido em sala de aula, o “Projeto Sacola Musical”, no qual cada criança levava para casa uma sacola com uma atividade a ser desenvolvida juntamente com a família. Mais a frente será detalhado esse projeto, bem como suas contribuições para os resultados desta pesquisa. A seguir, há a descrição do campo da pesquisa e o objeto de estudo deste projeto.

O objeto de estudo deste projeto foram os alunos da Educação Infantil na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) José Braz, localizada na região do Barreiro de Baixo, Bairro Santa Margarida. A escola localiza-se no limite entre os municípios de Belo Horizonte e Contagem. Por situar-se no limite desses municípios, a escola atende muitas crianças de Contagem, especialmente crianças das vilas que circundam a escola. São crianças, em sua maioria, com baixo poder aquisitivo, algumas inclusive em situação de vulnerabilidade.

A EMEI Professor José Braz é uma das primeiras escolas de Educação Infantil da região do Barreiro. É uma escola pequena com apenas seis salas de aula. No entanto, possui boa infraestrutura, conta com biblioteca, parquinho com brinquedos fixos de madeira e outros móveis de plástico, além de uma casinha de alvenaria, na qual as crianças dão asas ao faz-de-conta, área gramada com a Branca de Neve e os Sete

Anões, dois bozinhos de concreto que encantam as crianças desde seu primeiro dia de aula ao dia em que encerram sua passagem por lá. Outro local de encantamento é o viveiro de pássaros com várias calopsitas e duas tartarugas. O refeitório é acolhedor com mesa e bancos adequados; lá as crianças são recebidas calorosamente pelas cantineiras que oferecem uma deliciosa comida.

O corpo docente da instituição também é diverso, indo das professoras que estão iniciando sua profissão àquelas que já estão encerrando sua trajetória na Educação Infantil. Os profissionais nesse segmento de ensino valorizam as múltiplas linguagens da Educação Infantil, bem como a produção de sentido das crianças.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) desta instituição prima pelo desenvolvimento pleno da criança, argumentando que seja respeitado seu tempo e espaço, tendo em vista que cada um é um ser único que a todo o momento produz e reproduz cultura, resignificando tempos e espaços ao mesmo tempo em que deles se apropriam.

Em relação aos pais, embora sejam previsíveis algumas dificuldades de comunicação e integração entre escola e família, há uma preocupação com o desenvolvimento de seus filhos e filhas, embora muitos não compreendam a importância desta etapa na vida de seus filhos, pensando que a Educação Infantil é apenas a antecessora do Ensino Fundamental. Essa concepção gera a expectativa de que seus filhos consolidem esta etapa sabendo ler e escrever, cabendo, pois, às professoras, a partir deste pensamento dos pais, a árdua tarefa de conscientizá-los que à Educação Infantil compete viabilizar às crianças outras vivências, experimentação de outras linguagens, outras leituras que precedem à leitura da palavra escrita de forma convencional, sendo a música uma destas linguagens.

Foram estas impressões e reflexões que permearam o antes e durante a execução do presente trabalho “A Música na Educação Infantil e Anos Iniciais d Ensino Fundamental: Explorando as Dimensões da Oralidade e Escrita”. Além da revisão bibliográfica, o estudo ampliou seus objetivos para dar ênfase à análise e reflexão da prática pedagógica na Educação Infantil, especialmente a partir do momento em que foram identificadas dificuldades na abordagem do trabalho com crianças na faixa etária de cinco e seis anos. Essas dificuldades são possivelmente o reflexo sobre o questionamento do lugar da alfabetização e suas dimensões nesta etapa da Educação Básica.

Desta forma, para a execução deste trabalho e com o objetivo de conclusão do Curso Alfabetização e Letramento da Universidade Federal de Minas Gerais, optou-se como metodologia do trabalho a “pesquisa-ação”. Com esta metodologia foi possível

analisar a prática docente da autora sob a luz dos teóricos ora apresentados neste trabalho, possibilitando, assim a reflexão sobre até que ponto sua didática atendia às demandas dos alunos. As perguntas: - Alfabetizar ou não na Educação Infantil? O que é Letramento? O que é música? Como aliar a música ao fazer pedagógico? Como explorar a escrita através da música? Quais músicas apresentar para este trabalho? Inquietaram a autora/pesquisadora, que se estabeleceu o consenso de que a Pesquisa Ação seria uma metodologia do trabalho adequada a realização desse estudo, já que prevê um engajamento e uma participação na concretização dos projetos previstos para serem desenvolvidos na turma de alunos.

Nesta abordagem do trabalho científico, o pesquisador é também autor das ações propostas e atua como observador à medida que pesquisa, aplica e analisa os resultados de sua pesquisa. Trata-se de uma tarefa difícil, tendo em vista que o pesquisador deve manter a desejável neutralidade em suas análises, antes, durante e após a coleta dos dados.

Para a realização deste trabalho, buscou-se a neutralidade do pesquisador/autor, tendo em vista que o objetivo da Pesquisa Ação é realizar a reflexão da prática e através dela contextualizar as teorias aos processos de aprendizagem, com vistas à melhoria do aprendizado dos alunos envolvidos na pesquisa.

Vejamos o que Eiterer e Medeiros (2010 p.15) dizem sobre a Pesquisa Ação:

A pesquisa denominada pesquisa-ação é especialmente interessante na medida em que favorece processos nos quais o investigador deseja identificar os problemas, refletir acerca deles e agir no sentido de superá-los.

Esse processo de investigação foi à problemática principal para a escolha do Curso *Latu Sensu* na área de Alfabetização e Letramento- por que algumas crianças não aprendem? Em qual ponto o fracasso é meu? Em qual ponto esta criança se perdeu? Qual a influência tem ou não o meio social em que vive esta criança? São indagações que motivam uma reflexão sobre a prática pedagógica.

Essas perguntas recaem diretamente sobre a prática do professor, pois, como mediador do processo de alfabetização, deve refletir sobre sua prática. Conforme diz Paulo Freire (1999 p.104):

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Se as questões relacionadas à prática incomodam, devemos, pois, refletir sobre elas e, através delas, buscar se não a solução, mas ao menos o diálogo com pesquisadores que também se inquietaram e debruçaram o olhar sobre as práticas docentes, tendo em vista a sua melhoria. Eiterer e Medeiros (2010 p.15) apontam que:

Esse tipo de trabalho investigativo permite ao educador, orientado pela coleta de dados e pela literatura, realizar uma análise fundamentada de sua prática, avaliar e rever sua atuação, modificar os percursos, reavaliar, continuamente.

As mesmas autoras apontam o fato de que, mesmo o professor sendo o pesquisador, não pode influenciar nos rumos que a pesquisa pode tomar, pois não se elabora uma pesquisa ação para provar algo que já sabemos. Os resultados, nessa perspectiva, podem surpreender o pesquisador. Eiterer e Medeiros (2010 p.16) enfatizam que:

Um professor pode implementar uma pesquisa com vistas à investigação direta em sua própria sala de aula. Logo, ele executa a pesquisa e, ao mesmo tempo, atua como docente e como investigador. Nessas circunstâncias, ele interfere diretamente nos rumos da investigação. Mas, atentemos ao fato de que, ainda que seja ele o desencadeador dos fatos, ele não tem o controle absoluto dos rumos que o processo pode vir a tomar. Lembramos que a pesquisa qualitativa não é posta em desenvolvimento com vistas a provar algo que já pensamos (sabemos) *a priori*, mas para investigar o que queremos descobrir.

Após essas reflexões sobre a Pesquisa Ação, convém referenciar que este trabalho não encerra a necessidade de pesquisas nessa área, tampouco é uma proposta de mudanças nas práticas de outros professores. Trata-se apenas de uma reflexão sobre a prática da ora aqui, professora/pesquisadora/autora do presente investimento de pesquisa.

3 O SOM DO CORAÇÃO: A PRIMEIRA MÚSICA

A música é um fazer artístico que diferencia os seres humanos dos animais. Estes também produzem sons, no entanto não tem um interesse em utilizá-lo para comunicar algo. “A música é uma forma de arte que tem como material básico o som.” (Penna, 2014 p.20) Para a autora, o fazer musical é utilizado pelo homem em um contexto especial e histórico com diferentes finalidades. A música é uma atividade essencialmente humana, intencional, de criação de significados, ou seja, o homem utiliza a música para expressão dos mais variados sentimentos, buscando dar sentido a tempos e espaços.

Penna considera a música como uma arte universal que, como a linguagem, é culturalmente construída, diferente em cada cultura. No Brasil, por exemplo, convivemos com vários tipos de músicas que variam da erudita à popular. Tendo em vista a formação da sociedade brasileira e os diversos grupos que a compõem, uma música se torna significativa por fazer parte de nossa cultura, ao mesmo tempo que pode nos causar estranhamento quando não faz parte de nossas experiências sonoras, levando-nos a não considerarmos como músicas aquelas que são ouvidas por nossos vizinhos, amigos, alunos e até mesmo de outros países. Dessa forma, Penna (2014 p.24) afirma que

[...] a música não é uma linguagem universal. É, sem dúvida, um fenômeno universal, mas como linguagem é culturalmente construída. Se a música fosse uma linguagem universal, seria sempre significativa para qualquer pessoa – independente da cultura, e, desse modo, a estranheza em relação à música do outro não existiria.

O que nos importa é que certamente a música é uma manifestação artística e cultural que está presente em todas as culturas por todo o mundo, utilizada para manifestar alegria e tristeza, para comemorar ou festejar. Para Lima (2002,p.17):

A música é uma linguagem de comunicação humana muito significativa pelo envolvimento que provoca e pelo seu caráter de contágio (...).

Os sons estão presentes na vida das crianças muito antes de seus nascimentos. Ainda no útero ouvem o som do coração da mãe batendo e essa batida tem o poder de acalmar ou mesmo de agitar a criança. O som do coração, a primeira música que ouvimos. Sob o ritmo do coração, a criança tem acesso aos primeiros sons do mundo. É o que nos diz Ana Flávia Castanho em seu artigo para a revista Nova Escola: “Os bebês tem vinculação ao som desde a gestação e ao nascerem estão atentos a toda musicalidade do ambiente ao redor.” (Castanho, 2018)

Se a música é considerada como linguagem, pode ser aprendida e, portanto, a infância é uma fase em que o aprendizado da linguagem musical torna-se mais importante, pois possibilita o desenvolvimento de outras tantas linguagens como afirma Lima (2002,p.17):

Parte integrante da evolução da humanidade, a música significa, para a infância, a possibilidade de desenvolver a oralidade, de orientar o movimento, organizando-o e imprimindo-lhe um ritmo.

Fato é que a música é, sem dúvida, uma manifestação artística e cultural que faz parte da evolução humana e que está presente em toda parte do mundo. É capaz de transmitir sentimentos, desejos, comunicar, desenvolver atitudes e habilidades.

Partindo, pois, das reflexões acima e dos avanços dos aspectos relacionados à música é que pretendemos referendar a importância da música no universo escolar, sendo este o objeto de estudo e reflexão neste trabalho. Conforme Corrêa (2016 p.11):

A música ocupa, na educação, um lugar de grande importância como fator cultural, como fonte de prazer estético e como capacidade de domínio dos seus elementos constitutivos: o som, o ritmo, a melodia e a harmonia. É o setor da educação que estimula, de maneira especial, o impulso vital e as mais importantes atividades psíquicas humanas: a inteligência, a vontade, a imaginação criadora e, principalmente, a sensibilidade e o amor. Nisto está sua peculiaridade, pois reúne harmoniosamente conhecimentos, sensibilidade e ação.

É a ação humana o principal aspecto a ser observado neste trabalho e de que forma a musicalização pode contribuir para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Nele analisaremos aspectos positivos e negativos da música na Educação Infantil e buscaremos compreender o fenômeno do CD de músicas “A Galinha Pintadinha” as quais passam a ser significativas para as crianças desta etapa da Educação Básica. As músicas deste CD são facilmente aprendidas pelas crianças sem que necessariamente sejam apresentadas *a priori* nas escolas, ou seja, a criança traz para a escola seu repertório musical constituído em casa e nos diferentes espaços nos quais a música está presente.

3.1 A música no contexto escolar

Buscando uma definição mais próxima ao que será abordado neste trabalho, música como linguagem, apresento aqui o conceito de Corrêa (2016 p.39) que dialoga com os demais autores citados, quando diz que:

A música se constitui num conjunto organizado de sons que é ciência porque se firmou e se transforma, através dos tempos, pela observação e experimentação científicas, arte porque, através da criatividade, busca a beleza; linguagem porque tem como finalidade a comunicação e expressão de ideias, sentimentos e sensações.

Como instrumento cultural, a música está presente em diversas situações da vida humana, sendo que a criança tem acesso à música mesmo antes de seu nascimento e aprende as tradições musicais de seu grupo antes mesmo do acesso ao universo escolar. A música, bem como outras manifestações culturais, não surgiu na escola, mas, inevitavelmente, permeia o universo escolar.

Penna, em seu livro “Música (s) e seu ensino (2014 p.27) afirma que:

[...] A função do ensino de música na escola é justamente ampliar o universo musical do aluno, dando-lhe acesso a maior diversidade possível de manifestações musicais, pois a música, em suas mais variadas formas, é um patrimônio cultural capaz de enriquecer a vida de cada um, ampliando sua experiência expressiva e significativa. Cabe, portanto, pensar a música na escola dentro de um processo de democratização no acesso à arte e à cultura.

A democratização do ensino da música nas escolas iniciou-se a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, quando o ensino de arte passou a ser uma das dez áreas de conhecimento que compõem o currículo da Educação Básica. Vale aqui explicitar que a Educação Básica no Brasil compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio (Lopardo 2018 p.19).

Embora ainda não tenha sido amplamente implantada em todas as escolas, tanto públicas como privadas, devido a entraves do próprio sistema de políticas públicas do país, é possível afirmar, segundo Lopardo (2018 p. 23), que a música na escola é um projeto inovador capaz de provocar mudanças no convívio das pessoas que refletem na forma como as pessoas vivenciam a música, se expressam e interagem com ela.

Para Penna (2014), Corrêa (2016), Lopardo (2016) e Lima (2002), a musicalização contribui para o desenvolvimento dos seguintes aspectos: socialização, alfabetização, inteligência, capacidade criadora, expressão, coordenação motora e tato, além da

percepção sonora, localização espacial, raciocínio lógico e matemático e, também, o desenvolvimento do senso estético.

Lopardo (2018 p.11) ressalta a importância da música na educação:

A música ocupa, na educação, um lugar de grande importância como fator cultural, como fonte de prazer estético e como capacidade de domínio dos seus elementos constitutivos: o som, o ritmo, a melodia e a harmonia. É o setor da educação que estimula de maneira especial, o impulso vital e as mais importantes atividades psíquicas humanas: a inteligência, a vontade, a imaginação criadora e, principalmente, a sensibilidade e o amor. Nisto está sua peculiaridade, pois reúne harmoniosamente conhecimentos, sensibilidade e ação.

Para Lopardo, a música é um meio eficiente de sensibilizar crianças e jovens, capaz de influenciar as suas vidas em todos os aspectos, proporcionando-lhes alegria, ordem, disciplina e entusiasmo, elementos indispensáveis ao sucesso escolar.

[...] Estrutura a personalidade do futuro adulto, pois, como arte que é, desenvolve-se no terreno da emotividade, formando seu caráter, disciplinando-lhe as ações e, finalmente, integrando-o ao grupo como elemento ativo. (Lopardo 2018 p.11)

Corrêa 2016 reforça que se deve sempre considerar a música como elemento constitutivo da cultura e que, portanto, sempre esteve ligada às tradições, mas também acompanhando as mudanças de acordo com o tempo e o espaço. Desta forma, ao propor o trabalho com música na escola, é necessário lembrar a diversidade musical a qual o aluno experimenta em seu cotidiano e, além da proposta do professor, abrir espaço para que o aluno apresente sua música em sala de aula. Desta forma, o desenvolvimento será espontâneo, crítico e libertador em relação ao mundo que o cerca. Ainda dialogando com Corrêa (2016 p. 25), educar pela música favorece a formação do espírito de cidadania, permitindo aos envolvidos irem além da música, para as relações entre os seres humanos, tornando-os mais solidários e sensíveis aos problemas da humanidade.

A música sempre esteve presente no contexto escolar, utilizada basicamente para acompanhar as atividades de rotina da escola, para acalmar, para apresentações aos pais e datas comemorativas e mesmo no processo de alfabetização, conforme diz Penna (2014). Partindo da reflexão desse autor é que abordaremos, neste trabalho, a música como auxiliar no processo de alfabetização. Para tanto, na seção seguinte debruçaremos sobre a lei para entendermos o que trata a legislação brasileira e a do Município de Belo Horizonte sobre a música na escola.

3.2 A música na legislação

A música pode ser utilizada em diversas situações durante o processo de ensino aprendizagem, pois possibilita o desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento e do psicológico, permitindo fluir a emoção, a ludicidade, a criticidade, a criatividade, a emoção e a solidariedade como visto na seção anterior.

No Brasil, o sistema educacional está organizado para atender a Constituição Federal na qual está prevista a formação integral do cidadão brasileiro conforme o artigo 205:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Assim, para organizar a Educação em todo o âmbito da Federação, em 1996 foi elaborada a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), sob a Lei nº9394 de 20 de dezembro de 1996 que diz:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. § 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias. § 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Verifica-se, pois, que uma complementa a outra sendo que a LDB 9394/96 regulamenta a educação no território brasileiro e determina como se organiza os conteúdos a serem ministrados em cada etapa da Educação Básica. Vejamos em qual contexto está a música na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental de acordo com a LDB.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010).

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.769, de 2008)

Como é possível verificar, a música, de acordo com a LDB 9394/96, está prevista como um conteúdo obrigatório a ser abordado nas aulas de arte, mas conforme o inciso 6 da Lei este conteúdo não é exclusivo da disciplina arte. Este fato torna o estudo de arte um tanto quanto ambíguo, pois no país não há um número suficiente de profissionais capacitados para o ensino da música nas escolas.

Lopardo (2018 p.22) afirma que:

[...] No Brasil, muitas ações ao longo dos últimos anos foram desenvolvidas para concretizar a presença da música nas escolas, tanto no nível público como privado; porém essas ações deparam-se com diversos obstáculos referentes às problemáticas locais e falhas no sistema de implantação de políticas públicas a nível nacional, tais como: ausência de profissionais habilitados, falta de estrutura física e recursos financeiros, dentre outros fatores, que constituem uma realidade a partir da qual a existência da música nas escolas se transforma muitas vezes num desafio.

Lopardo (2018) reforça que o Ministério da Educação não determinou como deveria ser inserido o conteúdo 'música' dentro do currículo nacional, tendo em vista a autonomia de cada estado em relação ao projeto pedagógico dada pela LDB 9394/96. Lopardo (2018 p. 26) cita, então, a criação das Diretrizes Nacionais para o ensino de música na Educação Básica dadas pelo Conselho Nacional de Educação de 2013.

[...] são oferecidas as ferramentas necessárias para a institucionalização da música a partir de políticas públicas adequadas que competem aos municípios, às Secretarias de Educação, aos Conselhos de Educação e ao próprio Ministério da Educação.

Verifica-se nesses documentos a autonomia dos Estados e Municípios para a implementação da música no contexto escolar. Porém, essa implementação ainda está longe de ser efetivada.

A música está e sempre esteve presente no contexto escolar, mas na maioria das vezes como um recurso didático que permeia os diversos conteúdos escolares. Como para ensinar a contar, o que podemos aqui exemplificar com a música 10 indiozinhos, do domínio popular:

Um, dois, três indiozinhos
Quatro, cinco, seis indiozinhos
Sete, oito, nove indiozinhos

Dez num pequeno bote
Iam navegando pelo rio abaixo
Quando o jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos
Quase, quase virou
Quase, quase virou
Mas não virou!

Este é apenas um dos exemplos que podemos dar, mas que por hora nos é suficiente. Vejamos, agora, o que diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobre a música na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A BNCC e a música na Educação Infantil (Ministério da Educação, MEC 2018 p. 37):

Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.

Em relação à Educação Infantil, a música é tratada vagamente como uma linguagem capaz de desenvolver nas crianças, desde muito pequenas, o senso crítico e estético, além da apreciação artística.

Ainda de acordo com a BNCC, a música no Ensino Fundamental é considerada como uma linguagem ou unidade temática e está inserida no Componente “Arte” como “Linguagens”. A “Arte” está organizada em “Artes Visuais”, “Teatro”, “Música” e “Dança”. Cada unidade temática é composta por objetos de conhecimento, que estão relacionados a habilidades. Vejamos, então, o que diz a BNCC em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental. MEC (2018 p. 189 e192)

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir,

exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.

A Música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura. A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música inter-relacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade.

Lopardo (2018 p. 21) faz a seguinte análise da BNCC:

Nesse documento a música está inserida como uma das formas de expressão artística entre várias subáreas das Artes: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música, por sua vez, contempladas no eixo das Linguagens. A música, como conteúdo, é apresentada de forma explícita no documento no que se refere ao ensino fundamental, anos iniciais e anos finais, mas tanto na educação infantil como no ensino médio, os aspectos relacionados à música permanecem como uma atividade didática que permeia os diversos campos de experiências por meio da perspectiva das áreas de conhecimento abordados nesses níveis de ensino.

Através das orientações apresentadas pela BNCC, tanto para a Educação Infantil como para o Ensino Fundamental, observa-se o valor dado à música como ferramenta capaz de ampliar conhecimentos e formar o cidadão crítico, participativo na sociedade, mas a caracteriza mais como uma atividade didática do que propriamente de formação. Essa informação pode ser observada quando analisamos os livros didáticos enviados pelo próprio MEC, os livros trazem as músicas mas, elas são utilizadas como ferramentas para retirada de substantivos, adjetivos, pronomes e, não como arte, servindo pois como objetos para alfabetização

Dadas as informações e fundamentações legais no âmbito Federal, que dá aos estados, municípios e às secretarias de educação, autonomia para programarem seu currículo de acordo com suas demandas e interesses, vejamos como a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte se organiza para atender à lei, especificamente com as Proposições para a Educação Infantil e as Proposições para o Ensino Fundamental Anos Iniciais.

As Proposições Curriculares para a Educação Infantil volume 1 SMED (2014 p.39) estabelecem em consonância com a LDB 93394/96 que a Educação Infantil é a etapa inicial da Educação Básica, fato evidenciado no mesmo documento (2014 p.47):

[...] compreende a criança como centro do processo educativo. Aponta que a criança estabelece interações com o mundo (cultura-sociedade-natureza) desde que nasce, interrogando-o, investigando-o, buscando conhecê-lo e tendo no brincar sua principal forma de compreensão e manifestação no mundo. Aponta ainda que esse processo de interação é realizado pela criança e mediado por linguagens. Estas a constituem como sujeito cultural e simbólico ao mesmo tempo em que são constituídas, significadas e transformadas pela própria criança: Linguagem Corporal, Linguagem Musical, Linguagem Oral, Linguagem Plástica Visual, Linguagem Digital, Linguagem Matemática e Linguagem Escrita.

Analisando esse trecho do documento, percebemos que a música é tratada como uma das sete linguagens a serem significadas pela criança na Educação Infantil. Não é especificado como a música será apresentada e nem como será desenvolvido o seu trabalho, cabendo a cada professor se organizar para inserir a música nessa etapa da Educação Básica, não importando se apenas como um instrumento didático, com finalidades de formação de hábitos e rotina.

O modelo de Educação Infantil das crianças de Belo Horizonte se pauta no respeito à singularidade e ao desenvolvimento de habilidades que favoreçam o desenvolvimento, conforme indicação da Secretaria Municipal de Educação (2014 p.63):

- A construção da autonomia do (a) estudante;
- A construção de conhecimentos que favoreçam a participação na vida social e interação ativa com o meio físico e social;
- O tratamento da informação e expressão por meio das múltiplas linguagens e tecnologias.

[...] A concepção que orienta a elaboração destas Proposições Curriculares tem como pressuposto considerar as potencialidades do sujeito para a construção, reconstrução, incrementação, reelaboração, inter-relação, afirmação dos conhecimentos a fim de possibilitar sua ampla compreensão do mundo, participação ativa em seu meio físico e social e a solução de situações na sua vida. Aspectos que se referem ao sujeito criança visando assegurar o foco nela e não nos conteúdos.

Vemos, pois, que as Proposições Curriculares para a Educação Infantil trata a criança como sujeito capaz de construir e reconstruir conhecimentos sem que o foco da aprendizagem se pautem em conteúdos pré-estabelecidos, ou seja, há a defesa de que o conhecimento é adquirido através da inter-relação com o meio e os pares, bem como através do respeito às suas experiências. Atentemos, agora, para as Proposições Curriculares do Ensino Fundamental de Belo Horizonte, no documento produzido pela Secretaria Municipal de Educação- SMED (2010 p.8):

[...] O campo da Música refere-se aos trabalhos em que o som, e suas diversas formas de organização ao longo da trajetória humana, é preponderante. [...] Arte é um campo de estudos específicos, que pode interagir com outros conhecimentos à medida que os estudos são realizados de forma a se eleger temáticas específicas e afins, sem que haja a hierarquização de conhecimentos disciplinares. É muito

importante que sejam proporcionados aos nossos educandos contextualizações, contatos e experiências com o campo das quatro expressões artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Isso cooperará com a construção de valores significativos para a formação crítica em sua trajetória escolar. Tais trabalhos permitirão também a interação com procedimentos, materiais e estruturas que irão consolidar uma base de ampliação do contato com essas expressões, proporcionado, conseqüentemente, a ampliação das experiências estéticas dos educandos.

Percebe-se, nessa etapa da Educação Básica, o mesmo viés da Educação Infantil: um tratamento superficial da música no qual é dado um aspecto mais amplo da arte que favoreça a vivência de múltiplas experiências para a expressão da arte, não apenas na disciplina “Arte” como também nas outras disciplinas, ou seja, em uma abordagem multidisciplinar que possibilite o desenvolvimento das capacidades/habilidades conforme quadro abaixo, Secretaria Municipal de Educação (2010 p.18):

MÚSICA				
Capacidades/habilidades	Conhecimentos disciplinares	1º ano	2º ano	3º ano
1. Identificar fontes sonoras, relacionando o som aos materiais. 2. Utilizar diversos tipos de sons e ritmos.	- Fontes sonoras diversas. - Experimentação e criação de técnicas relativas à interpretação, à improvisação e à composição.	I/T	R/T	R/T/C
3. Identificar instrumentos musicais.	- Instrumentos musicais convencionais e não-convencionais.	I/T	R/T	R/T/C
4. Ser capaz de cantar em grupo.	- Canto coral.	I/T	R/T	R/T/C

Fonte: SMED 2010 p.18

Analisando o quadro acima, verificamos que as capacidades/habilidades tratam da educação pelos sentidos, com os quais será possível a experimentação e a sensibilidade aos sons das mais variadas músicas. É possível, também, compreender que as experiências com música não se encerram em determinado ano do ciclo.

Ao analisarmos as Proposições Curriculares para o ensino de Arte da PBH, vemos que esse ensino inicia-se na Educação Infantil como um jogo simbólico no qual a criança se apropria de diversos conhecimentos através do brincar e, no Ensino Fundamental, é retomado como uma experiência que possibilita a aproximação da música como arte e, sendo arte, uma ação humana, cultural e histórica que merece ser estudada e apropriada pelos estudantes, seres consumidores e construtores de cultura e história. As Proposições Curriculares para a Educação Infantil não estabelecem, como dito anteriormente, a forma como a música deve ser abordada na sala de aula, mas evidenciam que a música é cultura e, como tal, deverá ser abordada nas linguagens da

Educação Infantil. Evidenciam, ainda, que a cultura serve tanto para preservar “o *status quo* ou questionarem práticas seculares”.

Ainda analisando ambas as Proposições, é possível percebermos a música desde a Educação Infantil como instrumento para o desenvolvimento de habilidades interdisciplinares, ou seja, a música pode ser abordada em diversas disciplinas sem que deixe de ser arte/cultura, preservando sempre sua essência. Vejamos, a seguir, uma abordagem artística através de uma das maiores manifestações culturais de um povo, o folclore. Através da observação de livros didáticos de português dos anos iniciais é possível perceber que a música está presente sem no entanto ser tratada como arte e sim como uma ferramenta didática para exploração da gramática, servindo a mesma como tal, a música também está presente nas apresentações festivas também nessa etapa da Educação Básica.

4 A MÚSICA EM UMA ABORDAGEM FOLCLÓRICA

A música como arte e cultura é a concepção que sustenta este trabalho, principalmente as músicas folclóricas de domínio popular, que possuem letras simples e de fácil assimilação, dentre elas as músicas do repertório do CD “A Galinha Pintadinha”. Essas foram as principais músicas que motivaram o presente trabalho, além de outras músicas que, embora não tenham sido compostas para crianças, são bastante apreciadas no universo infantil, além de estarem presentes em apresentações para festividades na escola, o que indica a sua manifestação na cultura escolar.

A escolha das músicas folclóricas se deve ao fato de serem elas uma manifestação cultural e terem na música uma de suas maiores representações. Corrêa (2016 p. 40) define assim a música folclórica:

Música folclórica: vocal, instrumental ou dança. Em geral de autor desconhecido. Tradicionalmente cultivada pelas populações rurais e transmitida oralmente, cristalizando as tradições e costumes do povo.

A mesma autora referenda a música como manifestação cultural presente no cotidiano dos povos desde a antiguidade. Corrêa (2016 p. 101):

Os povos antigos celebravam suas festas com cantos e dança, cheios de alegria, depois de um triunfo sobre o inimigo, pelo sucesso na caça ou na pesca, pelo retorno da primavera, etc. celebravam com música suas cerimônias tristes e solenes, nos funerais e no trabalho coletivo, para tornar mais leve o trabalho braçal e pesado.

Durante muito tempo, os homens apenas cantavam e tocavam suas músicas, que eram simples. De geração em geração, essas músicas foram sendo passadas oralmente ou de ouvido, pois ainda não havia um processo de escrita musical.

São estas músicas simples passadas de geração em geração que até hoje encantam as crianças. Estas letras de fácil memorização foram utilizadas para reflexão sobre as práticas pedagógicas e na sua viabilidade como ferramentas na alfabetização de crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental nos anos iniciais.

Na seção seguinte analisaremos como as letras das músicas tocam o sujeito bem como a possibilidade de através delas educar pela sensibilidade.

4.1 As letras das músicas como objeto de alfabetização: desafios da prática docente

Ao refletir sobre a música na vida dos seres humanos é também importante pensar sobre as letras. São elas que tornam possíveis a nós gostarmos dessa ou daquela música. Fato este referenciado por Penna (2014 p.33) quando diz:

[...] Tal fato é constatado com clareza ao se verificar que o foco de atenção numa música popular de sucesso, tocada com frequência nos rádios, é muito mais a letra- já que o verbal oferece sentido facilmente detectável com base na comunicação cotidiana-, enquanto os instrumentos de arranjo não são, muitas vezes, conscientemente percebidos.

De acordo com a autora, músicas com letras simples têm fácil assimilação. Em sala de aula, é comum observarmos as crianças cantarem as músicas que ouvem nas rádios, pois a letra permanece na memória. Esse fenômeno é observado no CD “A Galinha Pintadinha”, que prende a atenção das crianças devido às composições simples e repetitivas, o que faz com que sejam facilmente memorizadas por elas. Mas, tendo em vista a facilidade de assimilação apresentado pelas crianças, é também importante a seleção do conteúdo musical a ser ofertado a elas, com o cuidado de apresentar-lhes mais do que os estilos musicais presentes nas mídias. Brito (2003 p.127) diz:

[...] Não custa repetir, entretanto, que é preciso selecionar e escolher com cuidado as canções que pretendemos cantar com nossas crianças, avaliando o texto, a complexidade melódica, o ritmo, o fraseado. Devemos ampliar o contato das crianças com produtos musicais diversos, o que exige disposição para escutar e ir além do que a mídia costuma oferecer.

Esta análise de Brito (2003) fomentou a escolha das músicas aqui apresentadas, porque, além de serem ofertadas pela mídia, se verificou que são músicas que fazem parte do repertório folclórico e, portanto, têm uma dimensão cultural a ser destacada, além de favorecerem o uso do corpo, através de gestos que auxiliam o desenvolvimento da lateralidade, a coordenação motora e memória. Ainda de acordo com Brito (2003 p. 127), na seleção das músicas, é necessário indicar a importância de levar ao conhecimento das crianças outros compositores:

É importante que as crianças conheçam nossos compositores: Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Noel Rosa, Lamartine Babo, Lupicínio Rodrigues, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Edu Lobo, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Chico Buarque de Holanda, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Antonio Madeira, Lenine, Hélio Ziskind, Paulo Tatit e Sandra Peres, Antonio de Nóbrega e muitos outros, que mesmo quando não têm a intenção

de fazer músicas infantis, aproximam-se do universo da criança, enriquecendo seu conhecimento acerca da produção cultural do país.

A mesma autora afirma que “a canção é o gênero musical que funde música e poesia”, que, ao ser apresentada às crianças, abre a elas o universo não só da música como também da imaginação.

Brito (2003) também afirma que o contato da criança na Educação Infantil com a música privilegia o desenvolvimento de conteúdos sensório-motores e simbólicos devido à relação que estabelecem com os diferentes sons, aprendendo a escutar e reconhecer sons e silêncios, o que as levam a níveis cognitivos mais elaborados, com a aquisição, através da música, de fluência e de conhecimento. A autora ressalta que, também através da música, é possível o desenvolvimento da linguagem oral e a ampliação do vocabulário “as entonações expressivas, as articulações enfim, a musicalidade da própria fala”. Ao trazer a música para a educação, estamos integrando o trabalho de sonorização musical como o da própria fala, ou seja, os vários modos de produção do som. Brito (2003 p.187) reforça que

Aprender a escutar com concentração e disponibilidade para tal, faz parte do processo de formação de seres humanos sensíveis e reflexivos, capazes de perceber, sentir, relacionar, pensar, comunicar-se.

O universo sonoro que vai sendo apresentado -natural e intencionalmente – aos bebês e às crianças coloca em contato com grande variedade de sons produzidos pela voz humana, pelos sons corporais, pela natureza, pelas máquinas e também pela música.

Escutar é perceber e entender os sons por meio do sentido da audição, detalhando e tomando consciência do fato sonoro. Mais do que ouvir (um processo puramente fisiológico), escutar implica detalhar, tomar consciência do fato sonoro.

Isso torna a música um instrumento metodológico diferenciado capaz de aliar o lúdico às demais áreas do conhecimento, inclusive no campo da alfabetização. O sistema de escrita do português, que é alfabético, prevê que nas suas 26 letras, possam ocorrer uma relação entre a forma gráfica e a forma sonora. Vejamos, aqui, um dos conceitos sobre o sistema de escrita, apresentado no Caderno do Ceale, por Frade (2005 p.25-26):

O método alfabético trazia uma vantagem: o próprio nome de cada letra do alfabeto (com algumas exceções) remete a pelo menos um dos fonemas que ela representa na escrita. Entretanto, no momento de leitura das palavras, na junção das partes feita mediante a pronúncia do nome da letra, ocorria um percurso tortuoso. Era preciso pronunciar primeiro o nome da letra, mas também tentar abstrair os outros sons existentes em seu nome. Isso era necessário porque, ao se pronunciar o nome da letra, entravam sons que não pertenciam à sílaba ou à palavra. Tente imaginar a abstração necessária ao aprendiz, para retirar o excesso de sons na palavra que se soletra assim: “bê-a-ba, ene-a-na, ene-a-na = banana”. Talvez por isso tenham sido criados outros alfabetos, como o alfabeto

popular de regiões do nordeste: a, bê, cê, dê, ê, fê... lê, mê, nê, etc., que ajudam a eliminar algumas sobras de sons, na hora da junção de letras. Assim, se poderia soletrar, com menos sacrifício: “bê-a-ba, nê-a-na, nê-a-na = banana”. Esse alfabeto é explorado, por exemplo, em letras de músicas:

ABC DO SERTÃO

Zé Dantas / Luiz Gonzaga

Lá no meu sertão pros caboclo lê

Têm que aprender um outro ABC

O jota é ji, o éle é lê O ésse é si, mas o erre

Tem nome de rê

Até o ypsilon lá é pssilone

O eme é mê, o ene é nê

O efe é fê, o gê chama-se guê

Na escola é engraçado ouvir-se tanto “ê”

A, bê, cê, dê,

Fê, guê, lê, mê,

Nê, pê, quê, rê, Tê, vê e zê.

Letra da música ABC do Sertão, de José Dantas e Luiz Gonzaga

No trecho acima, Frade (2005) define um dos diversos métodos utilizados no Brasil para a alfabetização e indica a complexidade para alfabetizar. Nessa direção, vemos a tentativa de minimizar a tarefa através da criação de um alfabeto regional, além da presença da música como manifestação cultural abordando o tema. Frade (2005) cita outros recursos utilizados para a alfabetização, mas aqui concentraremos neste, no qual aborda a complexidade do sistema alfabético e uma manifestação regional do uso do método alfabético, que, embora tenha suas potencialidades, não sana todas as dificuldades do processo de alfabetização, além, claro, de trazer uma música como elemento didático para evidenciar a complexidade do assunto.

A abordagem pretendida neste trabalho não se dará em relação à proposta de um método que explore a música na alfabetização, mas sim nas possibilidades dadas pela música como ferramenta histórica capaz de sensibilizar e desenvolver os sentidos para a percepção da relação entre oralidade e escrita.

Nesse ponto retomamos a importância dada ao trabalho com música na Educação Infantil, referendado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), na nova Base Nacional Comum Curricular e também dos documentos orientadores da Prefeitura de Belo Horizonte. Esses documentos, já apontados anteriormente, indicam a música como ferramenta didática muito importante na Educação Básica. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil destaca, já na introdução do documento, a importância da música na Educação Infantil (MEC 1998 p.44):

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

O mesmo documento reforça a música como um importante meio de organização social. Vejamos RCENEI (MEC 1998 p.45-46)

[...] Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados.

As experiências potencializadas pela música, de acordo com o RCNEI, dialogam com os autores aqui referendados, que veem na música a possibilidade de desenvolvimento para além de um fazer didático cujo foco seja meramente de alfabetizar. Foi esse vislumbre de sensibilidade latente que percebemos no decorrer da aplicação de nosso projeto na sala de aula. Percebemos que, mais que alfabetizar a música viabiliza experiências de corpo e mente, o encantamento, o desenvolvimento do gosto estético da apreciação artística, o senso crítico. É o que argumenta Beyer e Kebach (2009 p.119):

A apreciação musical pode despertar no aluno o interesse em ouvir música de maneira crítica e diferenciada e, ao ter a música como referência qualitativa e crítica, melhorar a qualidade da audição e conseqüentemente melhorar sua formação como ser humano.

Ao trabalhar com diferentes sons, a criança aprimora sua audição, ao acompanhar uma música batendo palmas ou fazendo gestos ou mesmo dançando, ela aprimora a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons estabelece relações com o ambiente em que vive e constrói seu próprio repertório cultural. Esse estabelecimento de relações sociais com o ambiente e a construção de seu próprio repertório, estimulado pelo lúdico, está presente nas fases de desenvolvimento significativo para a criança os quais são defendidos por Vygotsky (1991, p.119):

“O lúdico influencia enormemente o desenvolvimento da criança. É através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada,

adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.”

Vygotsky não abordou a música, mas vemos através dela também esta possibilidade de brincar, de encenar, de recriar situações cotidianas, tendo em vista que o foco privilegiado na utilização da música na Educação Infantil e nos anos iniciais é claramente o brincar e com ele o desenvolvimento pleno da criança nas etapas seguintes da Educação Básica.

O que é reforçado pelo RCNEI (MEC 1998 p.47):

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.

A integração social é o que todo ser humano busca ao longo de sua vida e a música carrega em si essas possibilidades de integração social e formação de senso crítico e estético.

Conforme dito anteriormente, a proposta inicial era trabalhar a música na Educação Infantil, como estratégia para a sistematização da alfabetização, tendo em vista a percepção de que as músicas infantis geralmente são de fácil aprendizagem, devido às letras curtas e repetições de palavras. No entanto, surgiram as perguntas: como utilizar a música para alfabetizar? Alfabetizar ou não na Educação Infantil? E o que é alfabetização?

Importante aqui definirmos o termo alfabetização. Para tanto utilizaremos o conceito de Magda Soares presente no Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores (2014, p.21, 22)

[...] a alfabetização, atualmente, é entendida como a aprendizagem de um sistema de representação da cadeia sonora da fala pela forma gráfica da escrita- o sistema alfabético- e das normas que regem seu emprego. [...] Em síntese, alfabetização é o processo de aprendizagem do sistema alfabético e de suas convenções, ou seja, a aprendizagem de um sistema notacional que representa, por grafemas, os fonemas da fala.

O ato de alfabetizar consiste na ação de ensinar/aprender a ler e a escrever. E esta ação de alfabetizar é uma tarefa das escolas e vem sendo debatidas ao longo de anos no Brasil e no mundo, desde que as escolas surgiram para promover a leitura e a escrita. No

entanto, ainda não há no país um método comprovado que garanta cem por cento de eficácia nesse processo de ensino.

Então, a música está presente no cotidiano da Educação Infantil, em todos os momentos da rotina escolar, seja para organizar a fila, iniciar uma atividade de contação de histórias, lanchar, lavar as mãos, contar. Enfim, a música permeia todos os momentos desta etapa da educação. Conforme referências contidas no RCNEI (MEC 1998 p. 45):

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções.

Assim como existem vários métodos de alfabetização que envolve histórias, a construção do repertório musical infantil também potencializa um processo de aprendizagem, especialmente as músicas folclóricas presentes no CD “A Galinha Pintadinha”, foco deste trabalho. Além deste repertório, há também as músicas do grupo Palavra Cantada, que sempre apresenta músicas que encantam crianças e adultos. No caso da Educação Infantil, por várias vezes recorreremos a músicas de nossa época como as de Toquinho e Vinícius de Moraes e o encantamento sempre é o mesmo. A música é um universo que envolve sentimento, magia, encantamento, emoção, coração, desde o ventre materno somos marcados pelo ritmo, o ritmo do coração.

É, pois, a partir da reflexão sobre os métodos de alfabetização com que fui alfabetizada, aos métodos apresentados durante o curso do Laseb (Alfabetização e Letramento) e, ao mesmo tempo, repensando sobre minha prática como professora da Educação Infantil que se buscou aliar a ludicidade ao processo de alfabetização.

No entanto, após o início do trabalho e durante a realização das atividades voltadas para a alfabetização, percebemos as outras faces da música, que não menos importantes que o ato de ler, viabiliza a aquisição e o desenvolvimento de outras habilidades. Sensibilidade, corporeidade, afinidade, o despertar de sensações e emoções que, mais que a fluência leitora e escrita, forma seres humanos críticos e reflexivos capazes de agirem no mundo para si e para os outros.. Mais que alfabetizar, a música viabiliza a percepção de que somos um corpo sensível que diz gostar ou não de uma música. Música é, portanto uma experiência dos sentidos. Vejamos, a seguir, algumas das experiências vivenciadas durante as aulas com a “Turma do Jacaré”.

4.2 Elaborando o projeto: os diferentes sons

Para colocar em prática, este projeto passou por diversas situações, do pensamento à execução, e foi um período árduo de mudanças e de ajustes. A princípio estava fora de sala de aula, como apoio à coordenação. Meu pensamento era de trabalhar a música com todas as turmas da EMEI Professor José Braz. No entanto, no decorrer do período entre os meses de março a maio, o tempo maior tinha que substituir professoras por diversos motivos. Então, o que era pensamento e plano acabou se tornando minha angústia. Assim, no final de maio, resolvi assumir uma turma e dar então fluência ao projeto. Assumi uma turma de veteranos, crianças que já eram alunos da escola a dois anos, composta por vinte alunos na faixa etária de 5 e 6 anos, do 2º ciclo da Educação Infantil. Mesmo após assumir a turma, houve conflitos que pensei não daria conta de concluir o trabalho, mas como uma “onda no mar” que vai e volta, caminhei contra o vento, arregacei as mangas e lancei meu barco ao mar.

O projeto, a meus olhos, parecia lindo, mas faltava cativar as crianças e, através delas, as famílias, que até aquele momento eram como minhas rivais. Então, para tornar o projeto interessante, criei uma caixa musical.

A caixa em questão era meramente um produto de papelão que adquiriu contornos, novas cores, pássaros, borboletas, aranhas, sapos. Essa caixa passou a ser um material didático, utilizado para fins pedagógicos. Dentro dela vários cd's reutilizados, cobertos com círculos coloridos e desenhos sugestivos para os títulos de músicas infantis. Veja, a seguir, a imagem da caixa.

Figura 1: caixa musical



Fonte: Acervo da pesquisadora

O objetivo desta caixa era de conquistar as crianças para vivenciar a música a partir de objetos lúdicos, não apenas como algo rotineiro, mas sim como algo prazeroso e divertido.

Figura 2: Apresentação da caixa musical



Fonte: Acervo da pesquisadora

Vivenciando os sons com a Turma do Jacaré, apresento um exemplo de experiência de contato com esse material. Ao colocar a mão dentro da caixa, a criança tirou a imagem do rato. Nessa aula, as crianças tiveram a oportunidade de aprender uma música que ainda não conheciam “O ratinho bonitinho”. A seguir apresentaremos a letra e algumas das atividades realizadas em sala com a letra da música.

“O ratinho bonitinho”

O ratinho bonitinho que fazia qui qui

Roubou todo o meu queijinho

Que estava bem aqui

Eu armei a ratoeira pra pegar o traidor

Mas preendi o meu dedinho

Puxa vida ai que dor.

Nessa situação, propus cantar a música e depois brincar com as crianças que foram desafiadas a me acompanharem cantando e imitando meus gestos. Nessa primeira

situação, vivenciamos apenas a música, exploramos o corpo, a atenção, o ritmo. Em outra atividade, propus que as crianças levantassem hipóteses sobre a escrita do título da música. Para tanto, cumpri o papel de escriba: no quadro ia registrando o que eles diziam sobre a escrita, continha os mais avançados, estimulava os mais tímidos, até conseguirmos escrever o título da música. Depois, pedi que ilustrassem a música. Um passo de cada vez. No outro dia, o registro da música completa, essa tarefa um pouco mais demorada, atenção redobrada, atendimento individual nas mesas, orientação da escrita, obedecer a ordem, uma tarde de trabalho e nem todos terminam; normal, cada um tem seu ritmo. Em outro momento, confeccionamos ratinhos de papel para compor o mural da turma em frente à sala. Ao final da aula, mural pronto e o orgulho de mostrar aos pais o próprio trabalho. O trabalho continuava e era hora de apresentar à turma o trava-línguas “O rei de Roma”, para que brincassem com o som do “R”. Esta atividade causou risos, pois tropeçavam nos “Rs”. Essas atividades duraram mais de uma semana e terminaram. Mas, a música permaneceu de uma forma diferente em cada um. O trabalho com parlendas também é referenciado por Brito (2003 p.101) vejamos:

As parlendas e os brincos são brincadeiras rítmico-musicais com que os adultos entretêm e animam os bebês e as crianças. Enquanto as parlendas são brincadeiras rítmicas com rima e sem música, os brincos são, geralmente, cantados (com poucos sons), envolvendo também o movimento corporal (cavalinho, balanço...). Junto com os acalantos, essas costumam ser as primeiras canções que intuitivamente cantamos para os bebês e crianças menores.

Desta forma, vemos a possibilidade de alinharmos músicas e parlendas como ferramentas didáticas que fomentam o desenvolvimento da sincronia motora gestual, da percepção sonora, visual, enfim, estimulam a sensibilidade. Colocar os desenhos

A música viabiliza a percepção de que somos um corpo sensível que diz gostar de uma música e não gostar de outra, é por assim dizer uma experiência dos sentidos, o que pudemos confirmar através de mais uma atividade, com a apresentação da música “A Linda Rosa Juvenil”.

Retirei da caixa a imagem da Rosa, indaguei o que viam, se sabiam que flor era aquela do desenho, se conheciam a música, ao que foram apresentadas respostas diversas até chegar à música. Então, contamos a música de domínio popular e também presente no CD e DVD “A Galinha Pintadinha”.

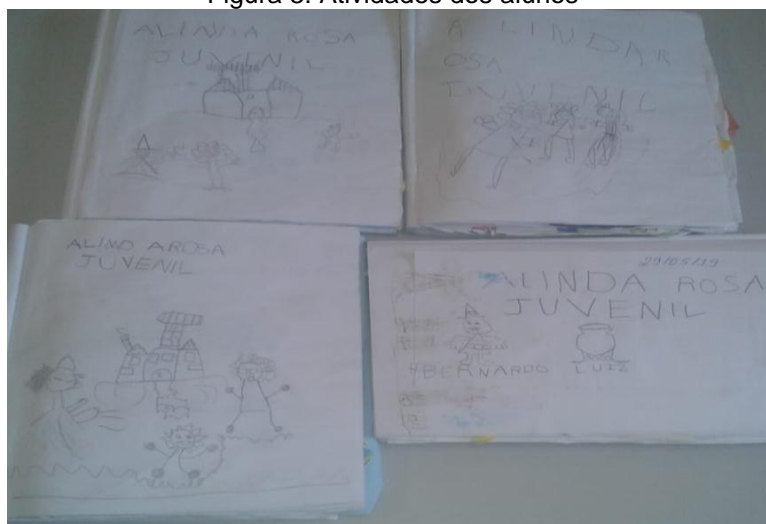
Após a audição da música, partimos então para o registro, eu como escriba, procedi as outras perguntas: “Qual a letra inicial do título desta música?” “Com que letra

começa a palavra Linda?” “Quais as outras letras para escrever o título da música?” As respostas letra A-O e as perguntas novamente levando-os a compreenderem o sistema de escrita, desde a percepção de que escrever obedece às regras pré-determinadas como da esquerda para a direita, o espaço entre uma palavra e outra, até a junção das letras para formar as sílabas, palavras e frases.

Após a escrita, chega a hora preferida das crianças, o desenho, como desenhar e o quê desenhar. Falo sempre ‘eu na sei desenhar’, mas vocês sabem, assim estimulo-os a serem criadores da própria arte. Esboço minha arte, desenho a Rosa criando aspectos humanos nela. Chega a vez do rei, começo esboçando a figura de um homem, então vem a pergunta: “Professora? Por que o Rei não pode ser uma flor também?” Paro tudo, penso, apago e questiono... “Tá bom, mas que flor seria?”- E ele responde pensativo, atento... “Um girassol! ” Então desperta a reflexão, de que sensibilidade vale mais que a escrita.

O desenho desta criança foi destaque entre os outros, além de ter sido utilizado para matriz do dever de casa. Vejamos alguns desenhos:

Figura 3: Atividades dos alunos



Fonte: Acervo da pesquisadora

Para chegar a esta percepção, é necessário que a criança tenha em sua bagagem cultural elementos que a levem ao desenvolvimento da sensibilidade e da percepção da arte, o que é referendado por Corrêa (2016 p.29):

A música é a arte dos sons por excelência e o ouvido, o sentido que percebe os sons. O ouvido, no entanto, não é só um órgão que capta e registra, mas um órgão que analisa, isto é, diferencia e identifica. Mas somente quando as impressões sonoras causadas por um agente exterior transformam-se em sensação auditiva e esta é interpretada pelo cérebro tem-se o que se convencionou chamar percepção. Com efeito, o cérebro desempenha o papel de organizador dos dados sensoriais, transformando-

os em percepção. Essa organização se dá quando o sujeito percebido pode auditivamente identificar não só a natureza da fonte sonora com também localizá-la no tempo e no espaço.

Fato inverso aconteceu ao ouvirem a música “A corujinha”, do CD “A Arca de Noé”, de Vinícius de Moraes”. Ao final da audição desta música, solicitei que as crianças falassem das sensações que experimentaram. Sensações como pena, tristeza, sono, foram descritas. Ao que foi possível analisar que a música em ritmo mais lento causou estas sensações, além da estranheza a esta música que não faz parte do repertório destas crianças, o que Corrêa (2016 p 29) reforça sobre a percepção que está intimamente ligada às disposições pessoais, orgânicas e afetivas, bem como a bagagem de experiências do mundo sonoro. Para essa música de Vinícius de Moraes, além da audição, realizamos atividades de escrita, desenho e colagem utilizando a colagem de formas geométricas. Esta atividade favoreceu a autonomia das crianças que, embora tivessem tido contato com um modelo, cada criança escolheu as cores preferidas para elaborar sua corujinha.

Os referenciais utilizados para este trabalho apontam a importância de viabilizar a audição de gêneros musicais diversos, de forma a possibilitar a aquisição de repertório cultural e artístico além do experimentado pelas crianças em seu contexto social. Corrêa 2016 reforça que devemos ir além do que a mídia oferece.

A mesma autora reflete sobre as sensações e sobre os conceitos adquiridos pelos sujeitos desde o nascimento. São esses conceitos e sensações registrados pelo cérebro que viabilizam registrar características de tudo que nos rodeia. Assim também acontece com os sons que, embora imateriais, nos causam sensações, que podem ser boas ou ruins. Corrêa (2016 p.55) :

O som é imaterial, abstrato, pois não podemos vê-lo nem tocá-lo. Mas é um fenômeno que podemos perceber na forma de uma sensação auditiva.

Foram essas sensações experimentadas pelas crianças no decorrer deste trabalho: as vivências dos sentidos, para além da alfabetização. Não nos prendemos a um único ritmo, cada ocasião vivenciada apresentou aspectos significativos para a Turma do Jacaré, como a música para a festa junina, no qual foi apresentada a música “Barquinho”, música sertaneja de Michel Teló, a música para a festa da família no Parque das Águas, “Arco-íris” da Xuxa e mesmo as mais simples apresentadas nas rodas. São atividades como essas que tornam a infância na escola um momento de magia e encantamento que faz a diferença na vida adulta, criando dentro de cada menino bases fortes que segurarão a onda quando o adulto balançar. Como diz a música de Milton nascimento: [...] “Há um

menino, há um moleque, morando sempre no meu coração; / toda vez que o adulto balança, ele vem pra me dar a mão...”. (Brant e Nascimento, 1997).

Esse trecho da música de Brant e Nascimento reflete bem o que esperamos alcançar com este trabalho: a formação moral, que está muito além do ato de ler e interpretar as palavras, ler o mundo, as coisas, as pessoas. E peço licença para fazer uma citação de um livro que marcou minha adolescência, “[...] não se vê bem a não ser com o coração. O essencial é invisível aos olhos” Saint-Exupéry (2015 p. 72).

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RCNEI volume 3 p. 45) reforça que:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados.

Experimentar os sentidos através da música favorece aspectos singulares no desenvolvimento infantil que irão além dos muros da escola; são experiências corporais e como tal expressam a vivência dos sentidos. É de uma destas vivências que falaremos a seguir.

5 APROXIMANDO FAMÍLIAS COM A MÚSICA

A Sacola Musical foi um projeto complementar ao realizado em sala de aula. Esse projeto teve como objetivo aproximar as famílias do ambiente de sala de aula. Nesse projeto, a criança levava para a casa uma sacola e um caderno.

No caderno havia uma cópia do projeto inicial que foi apresentado como proposta de Plano de Ação ao curso do Laseb. Ele também continha as informações necessárias para que fosse realizada a atividade do projeto, bem como um pandeiro de brinquedo para incentivo à criança à produção de outro brinquedo musical.

Figura 4: Capa do projeto Sacola Musical



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 5: Sacola e Caderno do Projeto Sacola Musical

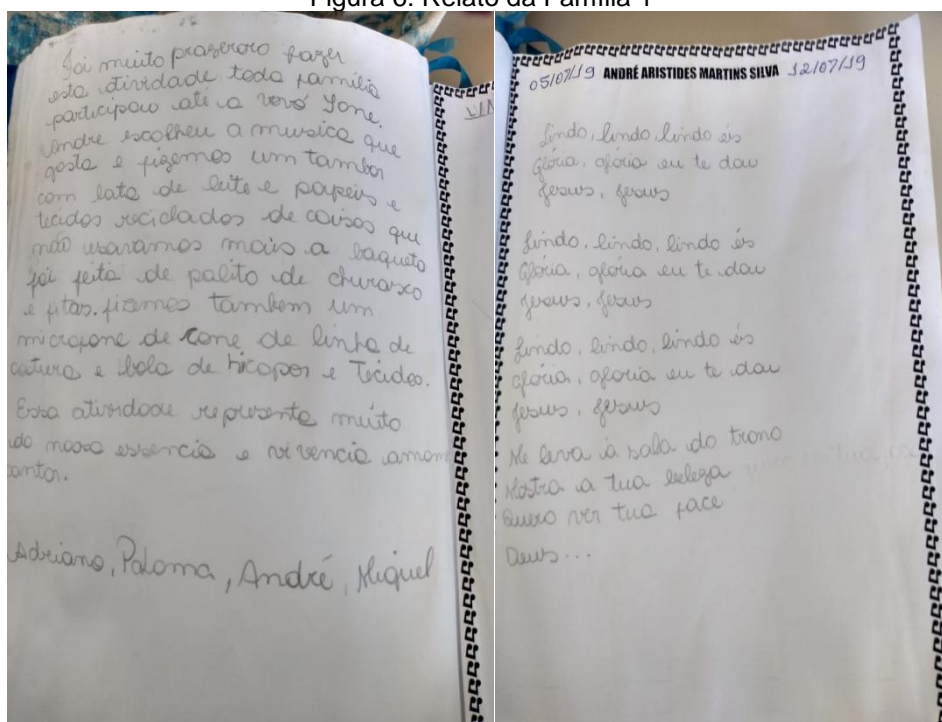


Fonte: Acervo da pesquisadora

Esses materiais ficavam na casa da criança sorteada para a semana e a família, juntamente com a criança, deveria escolher uma música que a criança mais apreciasse. Depois deveriam registrá-la na página identificada com o nome da criança. Este registro da música deveria ser realizado pela família, na presença da criança, para que vivenciasse a escrita de um adulto. Essa é uma das habilidades previstas nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte. “Perceber e reconhecer a linguagem escrita como instrumento de informação e meio para comunicar desejos, emoções e informações”. (SMED 2009 p.57-58)

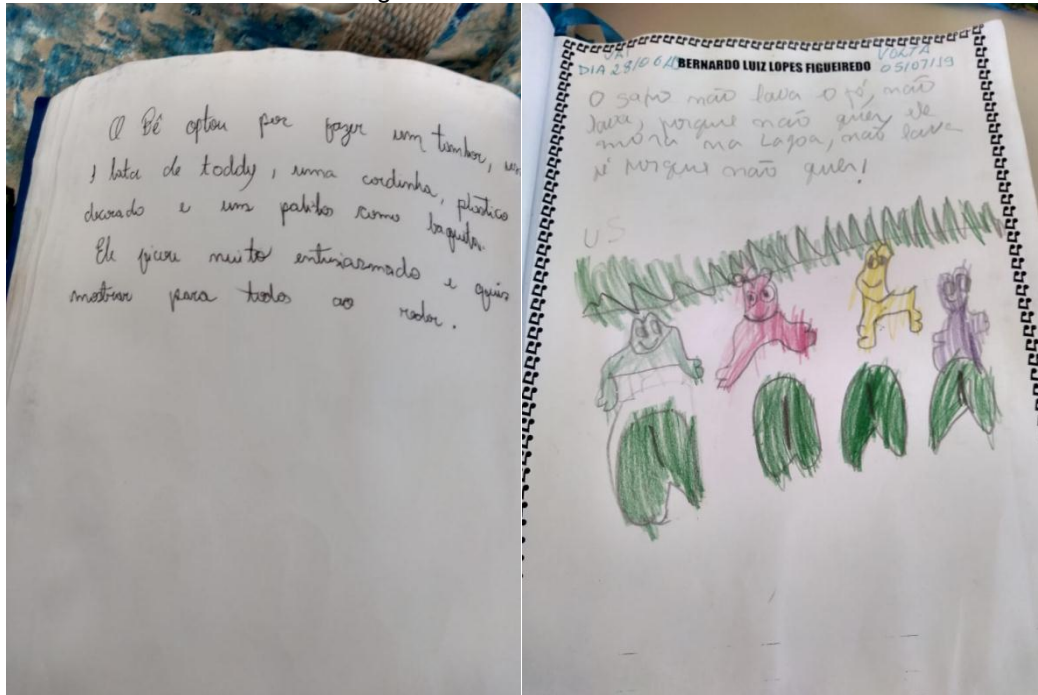
A família deveria realizar uma avaliação de como foi a execução do trabalho e se essa ação teve algum significado para a criança e para a família. Vejamos alguns relatos das famílias relativas à execução do trabalho com as crianças:

Figura 6: Relato da Família 1



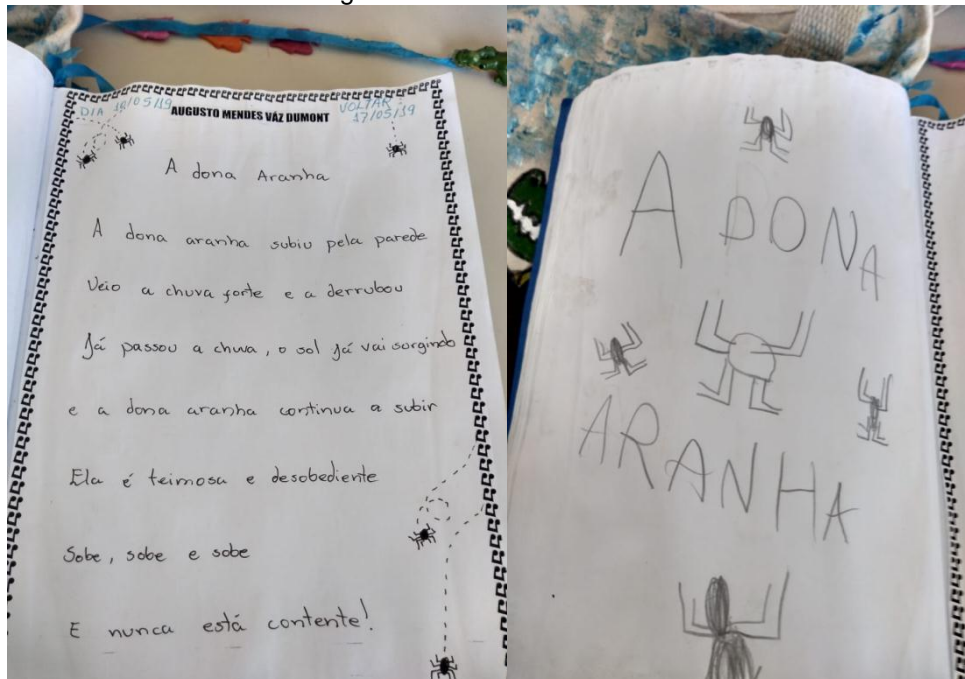
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 7: Relato da Família 2



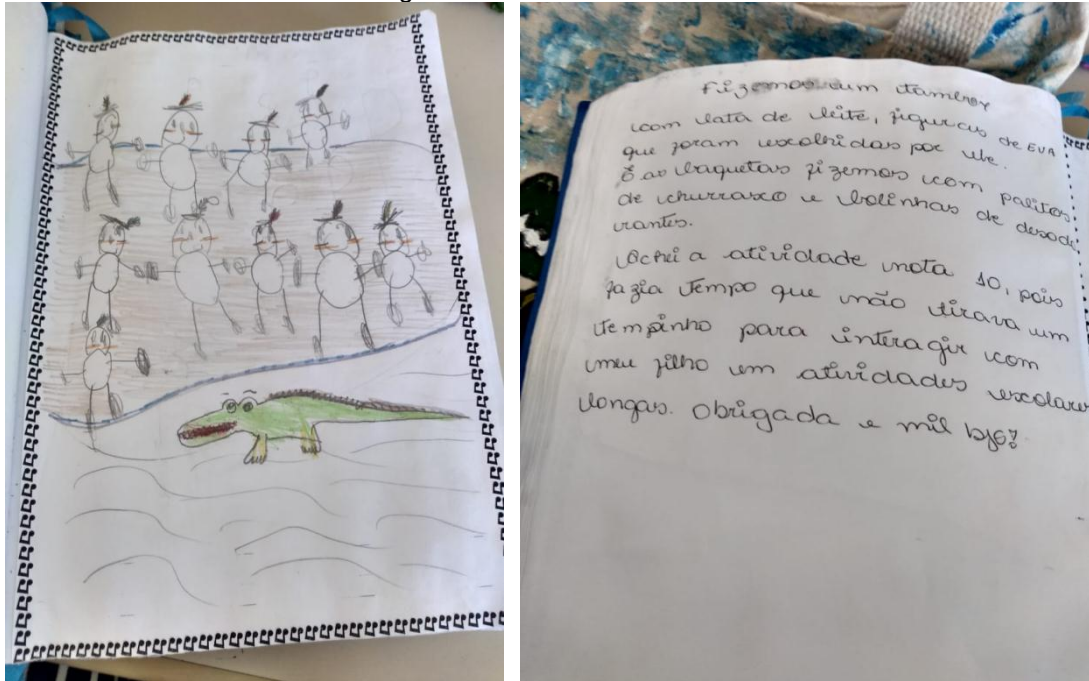
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 8: Relato da Família 3



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 9: Relato da Família 4



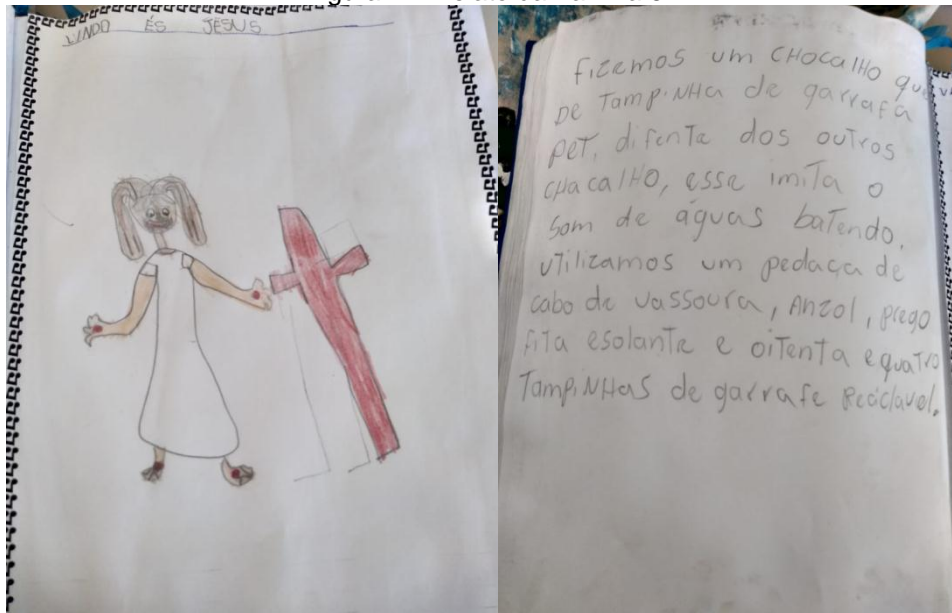
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 10: Relato da Família 5



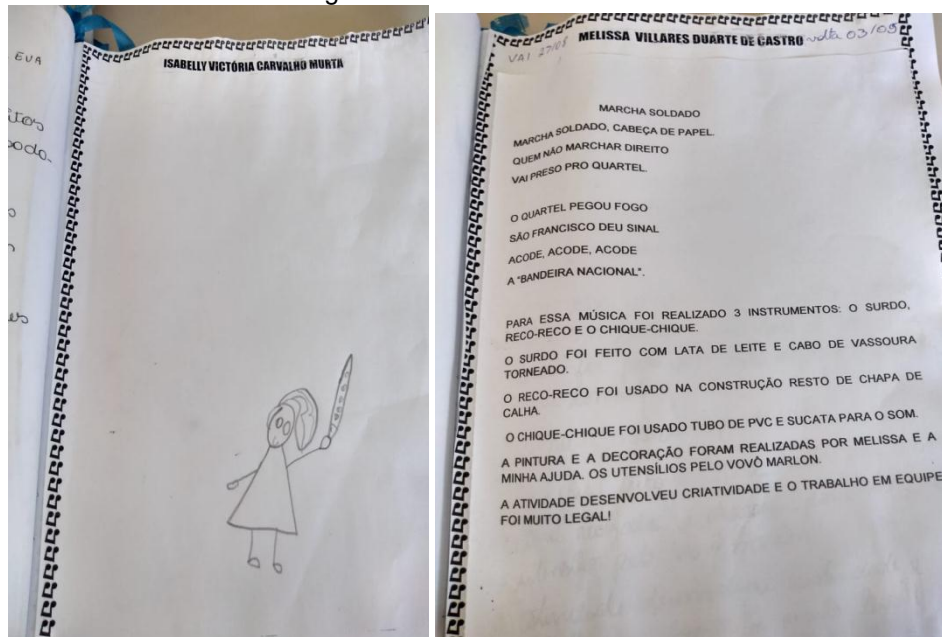
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 11: Relato da Família 6



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 12: Relato da Família 7



Fonte: Acervo da pesquisadora

Através da análise das imagens reproduzidas acima, bem como dos relatos de algumas famílias, podemos considerar que a atividade apresentou boa aceitação e também a participação das crianças na elaboração do registro. Além da aceitação, podemos verificar o tipo de música escolhida pelas famílias. A música de caráter religioso está presente em alguns lares e as crianças querem apresentá-las para todos. Mas nem tudo são flores. Temos famílias que não se dedicaram ao projeto, apresentando apenas o registro da criança, em outras o descaso foi tanto que as páginas voltaram totalmente em branco. Não podemos, no entanto, nos deixar vencer pelos que não realizaram as atividades, já que foram em uma minoria. As famílias, nesse projeto, deveriam também

confeccionar um instrumento musical com materiais reutilizáveis e devolver para a professora juntamente com a sacola e todo seu conteúdo. Este instrumento foi utilizado para a formação da bandinha da turma.

5.1 Bandinha: do barulho ao encontro da música

A formação da bandinha é outra importante ação relacionada à música, conforme Corrêa (2016 p. 24-25):

A bandinha rítmica é um recurso muito usado no processo de socialização e também no desenvolvimento sonoro e rítmico do aluno. Ao participar dela ele se alegra cantando, se desinibe e se desenvolve física (coordenação motora) e emocionalmente (controle de emoções). O ato de tocar o instrumento rítmico vai ao encontro de suas necessidades de movimentação (liberação de energia). Tocar na bandinha rítmica também traz equilíbrio e disciplina quando, em dado momento, de acordo com o arranjo criado pelo professor ou pelos próprios alunos, a criança deverá tocar bem baixinho ou até parar de tocar para que o instrumento diferente do colega ao lado se sobressaia. Isso é difícil para a criança pequena (de 3 a 7 anos) que é egocêntrica, e a bandinha rítmica atende principalmente a essa dificuldade.

Levar as crianças pequenas a deixarem a fase do egocentrismo é uma das grandes dificuldades da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, porque naturalmente todas querem ser o centro das atenções, seja dos pais, professores e colegas. O trabalho com a bandinha também possibilita desenvolver várias habilidades, como a atenção e a cooperação. Vejamos alguns dos instrumentos apresentados pelas crianças.

A atividade com a bandinha foi deveras cansativa. Todos queriam apresentar seus instrumentos e tocar ao mesmo tempo. Para que o resultado fosse melhor, seria necessário mais tempo e um professor habilitado em música. Mas, no entanto, para o presente trabalho, avalio como uma atividade significativa na qual foi possível considerar não só o interesse das crianças, como a participação das famílias que se empenharam a apresentar um instrumento para os filhos. Dois deles compraram os instrumentos, uma flauta e um violão, o que pode ser um indício de estímulo para uma formação musical mais ampla.

Não foi possível consolidar as atividades com a bandinha, pois percebi que era uma atividade para a qual eu não possuía os conhecimentos devidos e que a mesma deveria ser conduzida por um professor habilitado em música. .

Atividades como essas são tratadas, também nas Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte, como formadoras da identidade da criança. SMED (2015 p. 29)

A construção das diversas identidades pessoais e sociais dá-se em processos complexos e por meio das interações. Estas caracterizam-se por encontros, mas também por desencontros, experiências que são significadas pela criança. É o encontro com o olhar de um outro que vai propiciar ao sujeito, seja ele criança ou adulto, uma inserção social em seu meio. A criança busca a interação em suas diversas formas, apropriando-se de significados ao seu redor. Os sentidos pessoais construídos a partir desses encontros, ou desencontros, com o outro são de fundamental importância. A criança forma suas imagens física, psicológica e social e identidades pessoal e social de acordo com o que os diversos olhares, atitudes, falas, gestos lhe retornam, de acordo com o que seus companheiros, adultos e crianças lhes dizem, de acordo com o que calam, de acordo com o modo como reagem em suas interações. O olhar de um outro igual e, ao mesmo tempo, diferente, proporciona à criança uma possibilidade de identificação de si mesma, em um contexto no qual se encontra inserida.

É por meio das interações que o ser humano aprende a entender e a interpretar o mundo social. Traça, aos poucos, diferenças e semelhanças entre os variados espaços sociais que frequenta. No caso das crianças da primeira infância, a família, em suas variadas configurações e a instituição educacional tornam-se espaços privilegiados de construção de identidades, de aprendizagem e de desenvolvimento.

Vemos, pois, que, tanto no ambiente escolar como no seio familiar, a criança está em constante construção de sua identidade, estabelecendo vínculos afetivos e formação de caráter, além da integração com o meio social para avaliar e reavaliar o seu comportamento. Outro momento significativo do projeto “Sacola musical” foi o fato de a criança ter que apresentar o trabalho realizado pela família para a turma. Assim, ela, além de vivenciar e praticar a escrita em casa, também teve a oportunidade de desenvolver a linguagem oral. Essa atividade foi planejada com o intuito de fortalecer os vínculos afetivos entre família/escola e principalmente o vínculo entre os pares contribuindo para a formação da identidade da criança. Vejamos o que diz as Proposições Curriculares para a Educação Infantil de Belo Horizonte SMED (2015 p. 27):

Outro aspecto fundamental é a possibilidade, planejada pelo adulto, de que a criança organize suas impressões e sentimentos sobre uma experiência e as transmita a seus colegas dentro de alguma de suas possibilidades expressivas - linguagem oral, linguagem corporal, linguagem plástica visual, linguagem musical etc. A experiência de expressar-se e de entrar em contato com a expressão do outro será estímulo ao desenvolvimento de cada uma das crianças à organização de seu pensamento e das suas estruturas mentais.

Percebemos que as atividades desenvolvidas em casa em parceria com a família foram momentos de construção de conhecimento com os quais pudemos conhecer um

pouco mais das famílias, além de dar à criança a possibilidade de apresentar seu trabalho aos colegas.

A Turma do Jacaré vivenciou momentos marcantes, dentre eles os relatados pelas famílias que tentarei transmitir um pouco da emoção que engradeceu este trabalho.

Ao receber a sacola musical, do aluno Samuel, tivemos uma surpresa: ele juntamente com a família levou para a sala um instrumento que não imaginava que apareceria. O pai de Samuel é pedreiro e confeccionou um triângulo para o filho apresentar. Chamei o pai para agradecer e ele, em uma conversa informal, relatou que aquele instrumento faz parte da vida deles no interior de Minas, na cidade de Almenara. Segundo o pai, em janeiro ele e a família viajam para lá e então é assim “*o pau cai a folha*”, sob o ritmo do forró, sanfona, triângulo e pandeiro.

Outro momento marcante, vivenciamos com Théo, uma criança de inclusão, esta criança não fala. Porém Théo participa de todas as atividades da turma, embora com sérias restrições às atividades físicas. Ao enviar a sacola musical para a casa da criança, anunciei na turma que Théo seria o contemplado da semana, ele sorriu e foi até a mesa para receber a sacola de minhas mãos. No final da aula, quando o pai foi busca-lo, encontrou-o com a sacola todo feliz. Na semana seguinte, em uma sexta-feira, Théo chegou com a sacola pendurada no pescoço, um largo e deslumbrante sorriso. Sua mãe me entregou à parte o complemento da atividade, em um saco preto, um violão de material descartável. Chegando o momento da apresentação Théo, imediatamente pega a sacola e se posiciona para a apresentação. Seu sorriso dizia mais que mil palavras. Como diz Rubem Alves (2015), “Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido”.

5.2 Diversidade: apresentando os resultados

Um dos objetivos dos trabalhos realizados na EMEI Professor José Braz é a apresentação do trabalho à comunidade escolar no final do ano. Assim, para que a comunidade escolar veja um pouco mais do que produzimos com as crianças desta escola, é organizado uma Mostra Cultural com o tema Diversidade. Para essa finalidade, a Turma Jacaré, juntamente com a professora, optou pela apresentação dos trabalhos realizados nesse presente projeto.

Assim, apresentamos os resultados do projeto 'Música na Educação Infantil', além do que as famílias produziram juntamente com as crianças, também o que produzimos em sala de aula. Nossa mostra teve como título "A Turma do Jacaré apresenta: O som do coração". Assim demos visibilidade a tudo aquilo que produzimos e que teve significado para as crianças.

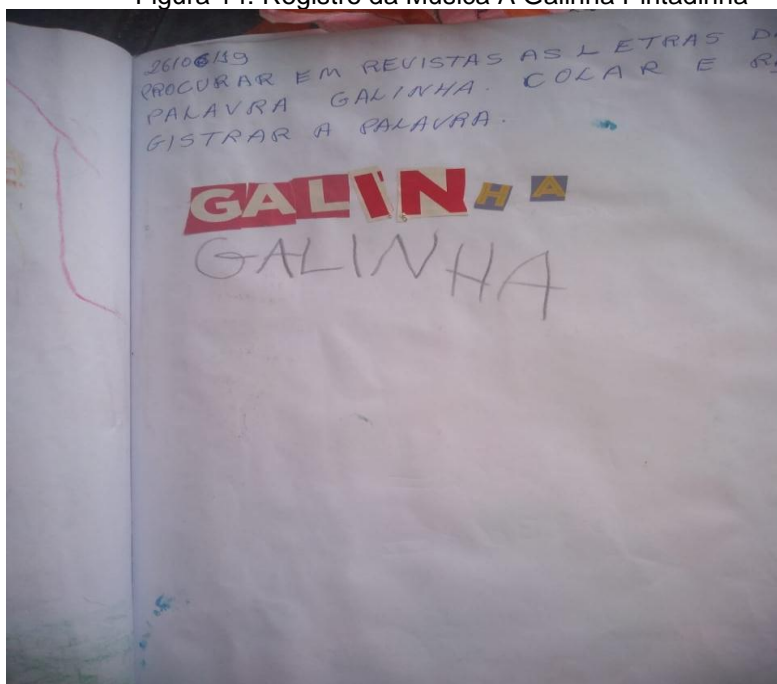
Vejamos algumas das atividades que foram realizadas em sala com as músicas, "A Galinha Pintadinha", "Borboletinha", "Pintinho Amarelinho", "Sapo Cururu", "O sapo não lava o pé", "A Linda Rosa Juvenil", "O Cravo e a Rosa", músicas fazem parte do CD "A Galinha Pintadinha".

Figura 13: Registro da Música A Linda Rosa Juvenil



Fonte: Acervo da pesquisadora

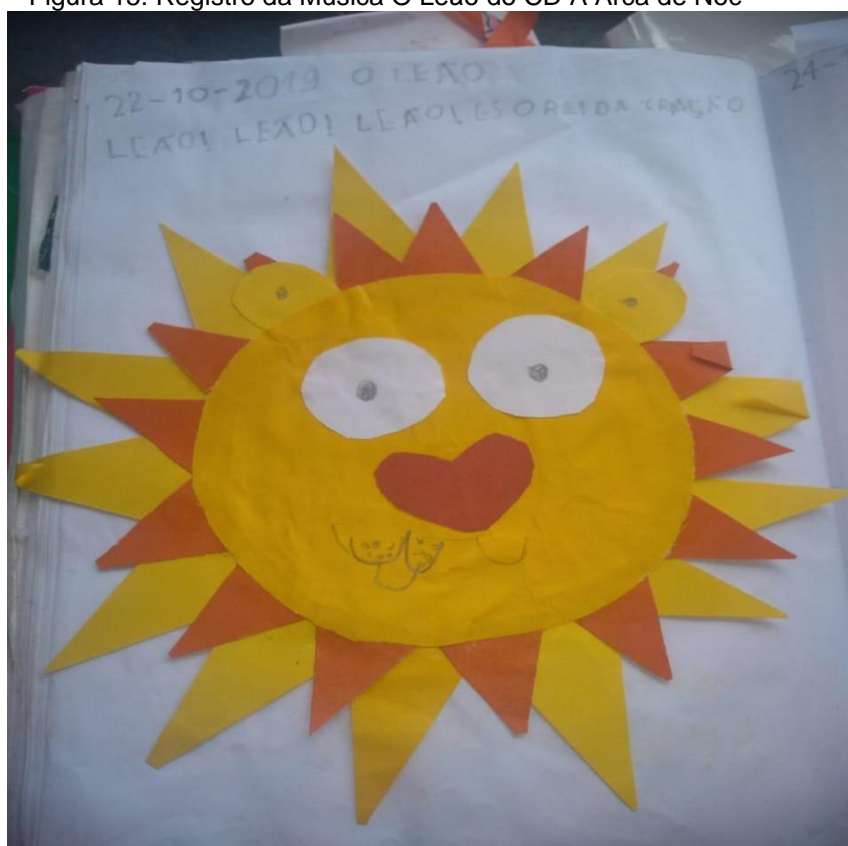
Figura 14: Registro da Música A Galinha Pintadinha



Fonte: Acervo da pesquisadora

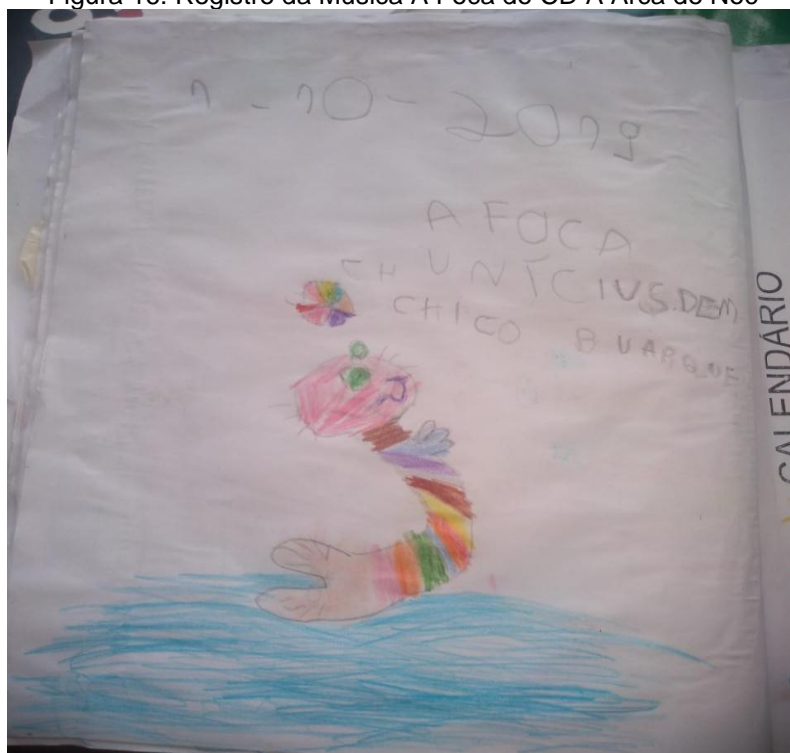
Vejamos a seguir outras atividades relacionadas a músicas do CD “A Arca de Noé” de Vinícius de Moraes.

Figura 15: Registro da Música O Leão do CD A Arca de Noé



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 16: Registro da Música A Foca do CD A Arca de Noé



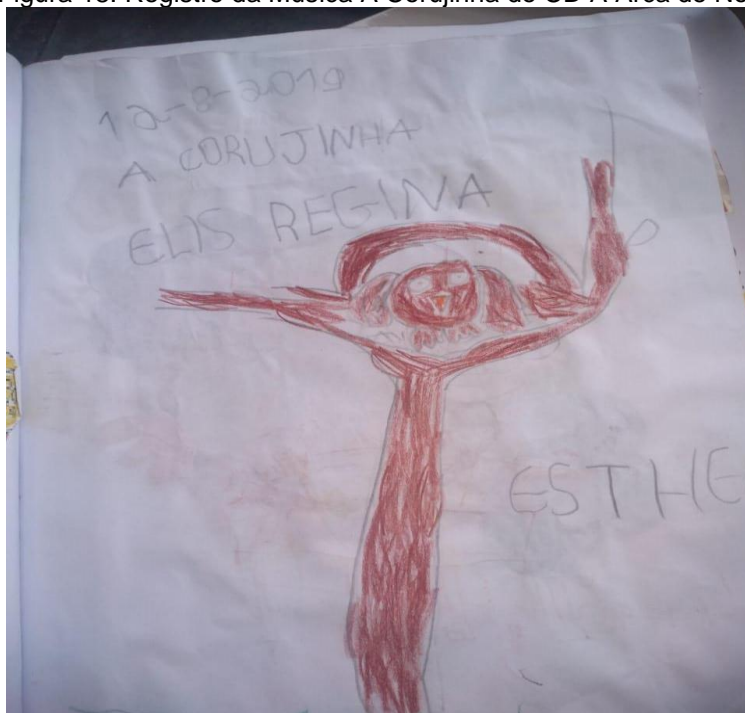
Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 17: Registro da Música O Pinguim do CD A Arca de Noé



Fonte: Acervo da pesquisadora

Figura 18: Registro da Música A Corujinha do CD A Arca de Noé



Fonte: Acervo da pesquisadora

Vale ressaltar que, na etapa da Educação Infantil, o trabalho com as crianças tem um foco maior nas habilidades motoras, no corpo e nas atividades lúdicas. Assim sendo, além da audição das músicas e de sua apreciação, realizamos várias atividades com colagem, modelagem, pintura com as mãos, com materiais reutilizáveis que possibilitaram o desenvolvimento das habilidades previstas para crianças na faixa etária de cinco e seis anos.

Através deste projeto foi possível, mais do que realizar um trabalho, foi reavaliar minha prática pedagógica. Foi durante a sua elaboração e sua aplicação que percebi algumas coisas que me incomodavam antes de realizar a pós graduação em Alfabetização e Letramento na UFMG, motivos estes que me motivaram a querer compreender porque algumas crianças não aprendem enquanto outras conseguem ir além do esperado.

Foi preciso me despir de velhas crenças, velhas ideologias antigas, para compreender que o ato de aprender algo está relacionado ao indivíduo. Aprender requer, antes de qualquer coisa, respeito. Cada ser tem um jeito próprio de aprender.

Nessa abordagem, tendo a música como procedimento para a alfabetização, não consegui fazer com que todos os meus alunos da Educação Infantil saíssem alfabetizados, mas consegui levar a eles o conhecimento de algo que vai além da alfabetização.

Ao assumir a Turma do Jacaré no final do mês de maio de 2019, assumi vinte crianças, vinte realidades diferentes, inclusive uma criança com necessidades especiais. Dessas crianças, algumas não sabiam sequer grafar as letras do alfabeto ou o primeiro nome, além da resistência de alguns responsáveis. Foi um período desgastante, no qual diversas vezes me senti desmotivada e desejosa de abandonar a turma. No entanto, contei com o apoio da direção da escola e segui o curso.

Ao resolver seguir o curso, coloquei em prática este projeto e consegui alcançar alguns dos objetivos propostos, além da reflexão da prática pedagógica, dos vinte alunos do início do trabalho, um saiu da escola ainda no princípio mês de junho, não sendo possível avaliar seu desenvolvimento; outro se mudou para a Itália no final do mês de outubro, este apresentou bom desempenho e de acordo com Caderno do Educador: Alfabetização e letramento MEC (2010 p.9) encontravam-se no nível silábico em transição para o nível alfabético.

Um importante avanço em relação à escrita, ou seja, ele já compreendeu o sistema de escrita que obedece uma ordem alfabética e a relação entre os grafemas e fonemas.

Outro aluno despediu-se da turma no início do mês de novembro, mudando-se para os Estados Unidos. Esta criança vinha apresentando uma evolução bastante significativa, ele era uma das crianças que não reconheciam as letras do alfabeto e, no final do período avaliado, encontrava-se no nível silábico. Este pode ser considerado um grande avanço da criança que já compreende a função da escrita além de diferenciar letras dos desenhos e números.

Dos vinte alunos do início do ano, a turma finaliza o ano com dezessete, sendo que dois desses alunos consolidaram a alfabetização ainda nesta etapa da Educação Infantil, embora não seja esse o foco dessa modalidade de ensino.

Sem dúvida, um grande avanço para estas crianças que, a partir de agora, buscaram vencer outras dificuldades não relativas ao processo de escrita, mas dificuldades relacionadas à ortografia, ao domínio do código.

Outros quatorze alunos encerraram o ano letivo no nível alfabético, ou seja, já compreendem o código, o que é sem dúvida um grande avanço.

Quanto ao aluno de inclusão, este desenvolveu outras habilidades tão importantes quanto o desenvolvimento do código escrito. Ele desenvolveu a capacidade de se relacionar entre os pares, em um convívio harmônico e respeitoso, de se locomover nos espaços da escola com relativa autonomia, de realizar suas atividades a seu modo e em seu tempo. Se pensarmos apenas no código, diria que se encontra no nível pré-silábico:

“Inicialmente, a criança não diferencia o desenho da escrita, e não dá nenhum significado ao texto”. (MEC 2010 p.8)

Mas, embora esse estágio seja importante, avalio que o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao convívio social seja mais importante para essa criança, que, ao ingressar na escola, trouxe consigo avaliações médicas que o rotularam como incapaz de se desenvolver em aspectos biológicos e quiçá interacionais.

Avalio este projeto como uma metodologia que, senão foi capaz de levar a todos à consolidação do processo de alfabetização, permitiu-nos momentos de fortes emoções e fruição da arte. Considero ainda que através das músicas do repertório do cd e DVD “A Galinha Pintadinha” e músicas folclóricas é possível a alfabetização de crianças da Educação Infantil e também dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero ensinar às crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Para as crianças tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo, o voo dos urubus, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Coisas que os eruditos não veem. **Rubem Alves (2015)**

Este projeto inicialmente pretendia apenas utilizar as músicas como ferramentas para o trabalho de alfabetização. No entanto, seus resultados podem indicar que ultrapassaram a aquisição e o domínio do código escrito.

Foram experimentadas sensações como alegria, tristeza, expectativas, esperança, superação, encontros. O encontro da infância com o eu adulto, a possibilidade de compreender que só se é criança uma vez na vida e quando somos crianças temos um olhar diferente sobre o mundo. Queremos tanto ensinar que acabamos muitas vezes por nos esquecermos de observar as crianças e aprender com elas.

Orientada pelas Proposições Curriculares para a Educação Infantil e do Ensino Fundamental de Belo Horizonte, pelo Referencial Curricular Para a Educação Infantil, a Constituição Federal (1988), a Nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2019), a LDB9394/96 e vários teóricos, foi possível constatar a importância da música no desenvolvimento infantil, para além da alfabetização.

Baseada nas teorias de autores como Brito (2003), Lopardo (2018), Correa (2016), Lima (2002), Penna (2014) que referendam a importância da música para o desenvolvimento infantil, foi que busquei compreender como a música reflete no comportamento das crianças, especialmente as crianças da 'Turma do Jacaré'. Foi possível, também, verificar que a música está fortemente presente nos ambientes escolar e familiar. Com o retorno obtido com o Projeto Sacola Musical, verifiquei que a música está presente nos lares. As músicas infantis retratadas nas páginas do caderno do projeto Sacola Musical em sua maioria fazem parte do domínio do folclore brasileiro, especialmente as do repertório do CD "A Galinha Pintadinha". Foram também consideradas músicas de um repertório religioso, indicando a possibilidade de se expressarem livremente, compartilhando, mesmo que rapidamente, o universo musical e sua convivência.

Todavia, percebi que ainda é na escola que são oferecidas uma variedade de músicas que permitem às crianças o enriquecimento do repertório cultural e ampliação do vocabulário, conforme a BNCC (2019) que diz que, através da música, é possível a

experimentação sonora tanto as próximas, quanto as mais distantes da cultura musical dos alunos.

Vale ressaltar que, desde a elaboração do plano de ação à sua execução, foram planejadas atividades nas quais fossem contempladas as sete linguagens a serem desenvolvidas na Educação Infantil. Através destas músicas e atividades, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer músicas criadas especialmente para elas, como músicas folclóricas e outras que, embora não tenham sido compostas para elas, possibilitam o conhecimento de outras formas de manifestação artística e cultural.

Durante a execução do projeto, elaborei atividades com as quais as crianças tivessem a possibilidade de fruição da arte, exemplificadas com colagem, recorte, pintura, modelagem. Elaborei, também, atividades com as quais fosse possível à criança exercitar a escrita, fosse ela espontânea ou orientada, através de recorte de palavras, registro dos títulos das músicas, leitura de livros, escolha de livros pelos próprios alunos, além da realização de atividades direcionadas à escrita na qual eu era a escriba.

Através deste trabalho, mais do que mobilizar esforços para ensinar a ler e escrever, foi possível refletir sobre minha prática pedagógica e perceber com meus alunos que tão importante quanto ler e escrever é viver a infância plenamente, pois depois que se cresce estaremos sempre saudosos desse tempo que não volta mais. As palavras estarão sempre permeando nosso redor, mas cabe a nós, professores, fazer com que essas palavras tenham e façam sentido para nossos alunos, para que eles vejam o mundo com seus melhores sentidos. Alunos da Turma do Jacaré fizeram em mim uma mudança de visão quanto a alfabetização. Conforme diz Rubem Alves (2015):

“As palavras só tem sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo e o mundo aparece refletido dentro da gente. São as crianças que, sem falar, nos ensinam as razões para viver. Ela não tem saberes a transmitir. No entanto, elas sabem o essencial da vida. Quem não muda sua maneira adulta de ver e sentir e não se torna como criança, jamais será sábio.”

Nessa direção, a relevância dada ao trabalho com a sensibilidade musical permitiu ampliar o conceito de linguagem e a posicionar o trabalho na Educação Infantil como um investimento em capacidades interpretativas de várias linguagens, não somente a da linguagem escrita.

Enfim essa é uma pesquisa/reflexão que não se encerra aqui pois, educar pela sensibilidade abre novas perspectivas e desperta um olhar diferente para a possibilidade que a arte e a música como linguagem favorecem tanto ao educando como ao educador.

REFERÊNCIAS

A Arte de Educar. **Um lindo texto de Rubem Alves**. Disponível em: <https://psicologiaacessivel.net/2015/07/15/a-arte-de-educar-um-lindo-texto-de-rubem-alves/>. Acesso em 18/11/2019

BATISTA Keylla Cristina Dos Santos. Era uma Vez. Disponível em https://www.google.com.br/search?source=hp&ei=ECzTXauEI96_5OUI9_gAk&q=era+uma+vez+kell+smith+letra&oq=era+uma+vez+kell+smith&gs_l=psy-ab.1.1.0i10.1985.21045..23580...1.0..0.739.5753.0j16j3j1j0j2j1.....0....1..gsw-wiz.....0..0i131j0i10.Sx_fdFCCOul. Acesso em 18/11/2019.

BEYER, Esther. KEBACH, Patricia. Et-al. **Pedagogia da música: experiências de apreciação musical**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BNCC. Pagina 37. disponível em : http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em 09/04/2019.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CASTANHO, Ana Flávia. **A importância da leitura para os bebês**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12713/a-importancia-da-leitura-para-os-bebes> Publicado em NOVA ESCOLA 09 de Outubro | 2018. Acesso em 13 de janeiro de 2019.

CORREIA, Maristela Saponara. **A musicalização na Escola: guia teórico e prático**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

Constituição Federal. Artigo 205. Disponível em https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp. Acesso em 29/07/2019

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula: caderno do formador**. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG. 2005

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

Música: Bola de meia, bola de gude - Compositores: Fernando Brant / Milton Nascimento. Disponível em: https://www.google.com.br/searchsxsrf=ACYBGNQPAAb3G5R3H9eBA6WYvC_PzjZkLQ3A1569872954200&source=hp&ei=OlySXYmRCvTJ5OUPioaEqAI&q=bola+de+meia+bola+de+gude&oq=bola+de+&gs_l=psy-ab.1.0.35i39j0l6j0i131j0l2.1530.3712..6037...0.0..0.411.2592.0j1j4j2j2.....0....1..gsw-wiz.....10..35i362i39.HrTCI5Hhdc. Acesso em 30 de setembro de 2019.

Música Indiozinho. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/temas-infantis/1650620/>. Acesso em 30 de julho de 2019.

LIMA, Elvira S. **A criança pequena e suas linguagens**. São Paulo: GEDH, 2002.

LOPARDO, Carla Eugenia. **A música na escola: tempos, espaços e dimensões**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2018.

LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: alfabetização e letramento 1** / Janine Ramos Lopes, Maria Celeste Matos de Abreu, Maria Célia Elias Mattos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010. 68 p: il. -- (Programa Escola Ativa) Caderno do educador: Alfabetização e letramento. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5707-escola-ativa-alfabetizacao1-educador&Itemid=30192. Acesso em 13 de novembro de 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. DESAFIOS DA FORMAÇÃO PROPOSIÇÕES CURRICULARES ENSINO FUNDAMENTAL ARTE REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. BELO HORIZONTE, 2010

PENNA, Maura. **Música (s) e seu ensino**. 2ª ed. Ver. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2014.

Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em 14/01/2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno Príncipe**. Tradução Denise Bottmann .Barueri. SP. Novo Século, Editora. 2015.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Contexto, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO







